PARA TODOS...

ANNO XII · NUM. 601
21 · JUNHO · 1930
PREÇO 1$

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA
é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

AS ESTRELLAS

— Conta, conta! disse a velha Romualda, levantando-se do assento.

As lindas moças que rodeiavam o pastor, accommodaram-se nas cadeirinhas, dispostas a não perder uma palavra.

— Como foi que a senhorita passou comtigo toda a noite? — tornou a inquirir a velha, com a impaciencia nervosa que a caracterizava.

Então o pastor, moreno e forte como um roble, ageitando o poncho, começou a narrativa desta sorte:

— No tempo em que eu cuidava do rebanho, no alto das visinhas serras do Aconquija, passava semanas inteiras sem ver viv'alma, só, nas pastagens, com o meu cão Milord e as minhas ovelhas.

De tempos a tempos, acontecia passar o ermitão do monte vizinho, que andava á cata de hervas medicinaes pelas montanhas, ou lobrigava a cara tisnada de algum carvoeiro que baixava á planicie carregado de abundante provisão de lenha.

Mas aquella gente, demasiado simples, á força de viver na solidão, havia perdido o gosto de fallar e ignorava por completo o que se passava nas aldeias e cidades.

Assim era que, quando, de quinze em quinze dias, escutava a tilintante guizeira da mula da nossa granja, que me trazia as provisões, e via apparecer, pouco a pouco, caminho acima, a carinha sagaz do rapazito ou a coifa vermelha da velha Michaela, eu me considerava verdadeiramente feliz.

Então pedia-lhes que me contassem tudo o que se passava lá em baixo: os baptismos, os casamentos... e, sobretudo, averiguava aquillo que mais me interessava saber: que era feito da filha dos meus patrões, a nossa patrôazinha Estephania, a moça mais linda que havia em dez leguas em redor?

Informavam-me dos bailes e festas a que ella assistia, do numero maior ou menor dos seus adoradores, com grande indifferença, pois acreditavam que podiam interessar-me estas coisas, a mim, pobre pastor da montanha.

Sem embargo, dir-lhes-hei que eu tinha vinte annos e que Estephania era a coisa mais bonita que havia visto em minha vida.

Pois, um domingo esperava os viveres para a quinzena, e como não tivessem chegado á hora do costume, pensei nalgum contratempo. Ao meio dia, desencadeiou-se uma grande tormenta, e suppuz que a mula não teria podido fazer a viagem por causa do máo estado dos caminhos.

Por volta das tres horas, o céo despejou-se e a montanha brilhava reluzente da agua e de sol.

Atravez o ruido das gottas que escorriam das folhas e do transbordamento dos arroios accrescidos pela chuva, ouvi nitidamente a guizeira da mula, tão alegre e sonora como um repique de sinos em dia de Paschoa.

Não era o garoto do costume, nem a velha Michaela que conduzia a mula, era... adivinhem quem era?

A nossa patrôazinha! Ella, em pessoa, sentada graciosamente entre os cestos de vime. Trazia as faces rosadas pelo ar vivo da montanha e pelo fresco deixado pela borrasca.

— O garoto está adoentado, — explicou ella, — e a tia Michaela foi passar as férias com os netos.

A formosa Estephania foi dizendo tudo isto, emquanto descia da mula.

— Cheguei tarde, — accrescentou, — porque me perdi no caminho.

Mas ao miral-a, tão arrebitada, com suas fitas, seu vestido flamante e suas rendas, mais parecia ter-se demorado deante do espelho, que se haver extraviado entre brenhas.

Oh! que deliciosa creaturinha!

Meus olhos não se cansavam de a olhar.

Era a primeira vez que a contemplava assim, tão de perto; para mim, tinha sido sempre como que uma visão.

Algumas vezes, no inverno, quando o rebanho descia á planicie e eu entrava na granja para comer, acontecia vel-a cruzar pelo pateo, ligeira, sem nunca fallar com a criadagem, engalanada e altiva.

E, agora, tinha-a ali, deante de meus olhos, e só por mim havia feito aquella viagem!

Não era para perder a cabeça?

Quando por fim se tiraram as provisões dos cestos, Estephania olhou á sua volta com curiosidade, ageitou ligeiramente o traje domingueiro, e entrou no estabulo. Quiz que lhe mostrasse o cantinho onde eu dormia, o co chão de palhas com a pelle de carneiro, o meu capote, a minha cruz, o meu cajado, a minha espingarda...

Tudo isso a divertia.

— Então, vives aqui, meu pobre pastor? Como deves aborrecer-te de estar sempre só! Que fazes? Em que pensas?

O meu desejo era dizer-lhe: penso na senhorita, e não teria mentido; mas a minha perturbação era tal que não acertava com a resposta. E creio que a brejeira se apercebeu disso e teve prazer em ver-me atrapalhado e confuso.

— E a tua amada, pastor, sobe alguma vez para te visitar? Por certo que será a cabrinha de ouro ou a fada da montanha que só acode aos pincaros...

"Ella", "ella" era a verdadeira fada, com a cabecinha cahida para traz, rindo com aquelle seu lindo riso crystalino.

A pressa que punha em regressar, fazia da sua vinda, como que uma apparição.

Montou graciosamente na mula, e despediu-se:

— Adeus, pastor!

— Felicidades, patrôa.

E partiu com as canastras vazias.

Quando desappareceu na quebrada da encosta, pareceu-me que os cascalhos que rolavam debaixo das ferraduras da mula, cahiam, um a um, sobre o meu coração.

Estive o resto do dia como que adormecido, sem fazer o mais pequeno movimento com receio de ver desvanecer-se o meu sonho...

Ao anoitecer, quando o fundo dos valles começa a tornar-se azul, e os animaes se juntam em pinha, balin-

do, percebi que me chamavam lá, muito ao longe, no caminho... e vi surgir a nossa patrôazinha, não risonha como havia horas antes, mas tremendo de medo, de frio e com as vestes enxarcadas.

Ao baixar a serra encontrara o arroio crescido pela chuva e, ao querer atravessa-o a todo o custo, estivera a pique de se afogar...

O peor do caso era que, áquella hora da noite, seria inutil pensar em volver á granja, não só porque, desacompanhada, não poderia aventurar-se pelos atalhos, como porque, eu, não podia abandonar o rebanho para servir-lhe de guia.

A idéa de passar a noite na montanha affligia-a muito, sobretudo por se lembrar da inquietação em que estariam em sua casa. Procurei tranquillizal-a como pude:

— Em Julho as noites são pequenas... é obra de um momento.

Ella esforçava-se para não soluçar.

Apressei-me em accender uma boa fogueira, para que pudesse seccar os pés e os vestidos molhados. Em seguida puz-lhe na frente pão, queijo e leite, mas a pobrezinha não pensava em aquecer-se, quanto mais comer. Ao ver as grossas lagrimas que lhe velavam os olhos, tambem senti desejos de chorar.

Já a noite tinha cahido completamente... sobre o cume do Aconquija, apenas se divisava um reflexo do sol e um halo luminoso lá para os lados do poente. Fiz com que ella se recolhesse ao estabulo, estendi sobre a palha fresca uma formosa e nova pelle de carneiro, e desejando-lhe uma boa noite, fui sentar-me do lado de fóra da porta.

Tomo a Deus por testemunha que, apesar da chamma do amor que me queimava o sangue, nenhum máo pensamento veiu turbar a paz do meu coração. Sentia, sim, um immenso orgulho ao pensar que, em um cantinho do estabulo, a filha dos meus patrões, como um cordeirinho dos mais preciosos e dos mais brancos, descansava, confiada aos meus cuidados.

Nunca o céo me tinha parecido tão profundo, nem as estrellas tão brilhantes...

Subitamente abriu-se a porta do estabulo e appareceu a formosa Estephania. Não podia dormir: os animaes moviam-se e batiam em sonhos... Preferia ficar junto da fogueira.

A' vista disso, atirei-lhe o meu capote de pelle de carneiro sobre os hombros, avivei o fogo e nos quedámos assim, lado a lado, sem falar.

Se alguma vez vocês passaram a noite no campo, hão de saber que, á hora em que nós dormimos, se levanta um mundo mysterioso, na solidão e no silencio. A essa hora as fontes cantam com mais expressão, as aguas estagnadas têm phosphorescencias; todos os espiritos da montanha, vão e vêm livremente, e, no ar, ha vozes e ruidos imperceptiveis como se os ramos e a herva crescessem com murmurinho.

O dia é a vida dos sêres; a noite é a vida das coisas. Quando não se está habituado, a solidão espanta.

Assim era para Estephania: ao menor ruido atemorizada, achegava-se a mim. De uma feita, partiu de uma pôça que brilhava como uma luz prateada, um grande grito, melancolico e veiu até nós, vibrante e agudo... quasi ao mesmo tempo uma estrella cadente cruzou o espaço, como se aquelle lamento que acabavámos de ouvir, levasse uma luz com elle.

— Que significa aquillo? — perguntou-me baixinho.

— Uma alma que entra no paraiso, patrôa; e fiz o signal da cruz.

Ella tambem se persignou e ficou a olhar o céo com grande recolhimento.

— Então é verdade, pastor, que vós outros tendes qualquer coisa de bruxos?

— Não, senhorita; mas como vivemos mais perto das estrellas, sabemos melhor que os habitantes da planicie, o que se passa entre elles.

Com a cabecita apoiada na mão, Estephania, não desfitava o céo, envolta na pelle de carneiro, como um pastorinho celestial.

— Quantas estrellas! — murmurou — que encanto! Nunca vi tantas assim! Sabes-lhe os nomes, pastor?

— Se sei! Olha, exactamente sobre as nossas cabeças vê-se o caminho do santo apostolo Santiago (1). Foi esse santo patrono que o traçou para indicar o caminho aos verdadeiros christãos. Mais longe, lá está o carro das almas (2) com suas quatro rodas resplandescentes. As estrellas que vão adeante, são os tres animaes. Está vendo á sua volta essa chuva de estrellas que se desprende? São as almas que o Senhor despreza e enxota do Paraiso: os impios ou os que morreram em peccado. Um pouco mais abaixo tem os a formosa Orion. E' ella que nos serve de relogio. Só em vel-a, sei que já passa das doze. Um pouco mais aquem, sempre sobre o sul, scintilla a tocha dos astros: Sirio. Mas a mais bella de todas, patrôazinha, é a nossa, a estrella do pastor, que esplende ao nascer d'alba, quando fazemos sahir o rebanho, e nos alumia ao anoitecer, quando o recolhemos. Chamamos-lhe a Maga, a bella Venus, perseguida por Saturno, que casa com ella de sete em sete annos.

— Como, pastor, então as estrellas tambem se casam?

— Certamente, senhorita; e quando me dispunha a explicar-lhe como se levavam a cabo esses casamentos, senti cahir sobre o meu hombro um peso delicado.

Era a sua cabecita, carregada de somno, que se apoiava em mim, com um delicioso roçar de fitas, de rendas e de cabellos ondulantes. Assim permaneceu até que empallideceram os astros do céo, apagados pelo nascer do dia. Eu, vi-a dormir, um tanto perturbado no fundo de minha alma, mas santamente protegido por esse céo brilhante e luminoso, que nunca me inspirou senão formosos pensamentos. Em torno a nós, as estrellas continuavam a sua marcha silenciosa, doceis como um grande rebanho. Enternecido e enamorado, eu, imaginava que uma dessas estrellas, a mais scintillante, a mais linda, a mais delicada, tendo-se extraviado da sua róta, havia descido a recostar-se sobre o meu hombro para dormir...

(1) Via lactea.
(2) Grande Ursa.

Traduzido por
EDUARDO VICTORINO

Carlos Alberto Osorio

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo o trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

	CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
	comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado	500$000	500$000	500$000
2º "	300$000	300$000	300$000
3º "	250$000	250$000	250$000
4º "	150$000	150$000	150$000
5º "	100$000	100$000	100$000
6º "	50$000	50$000	50$000
7º "	50$000	50$000	50$000
8º "	50$000	50$000	50$000
9º "	50$000	50$000	50$000
10º "	50$000	50$000	50$000
11º ao 15º collocado	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

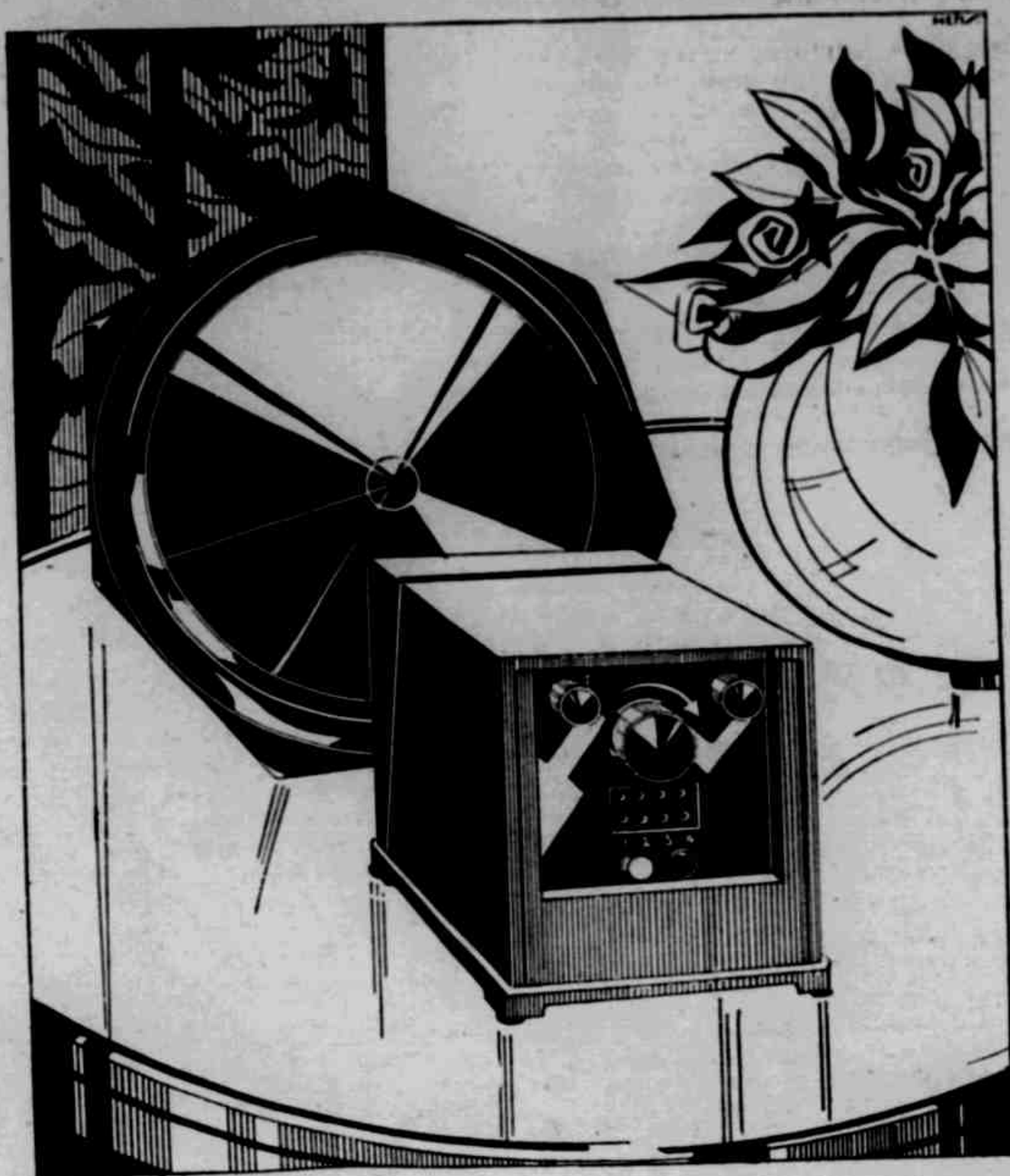
Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

PHILIPS 2516

DOIS APPARELHOS N'UM SÓ

PARA ESTAÇÕES LOCAES

INTEIRAMENTE ELECTRICO

PUREZA -- SELECTIVIDADE -- VOLUME

Preço completo com Alto Falante 725$000

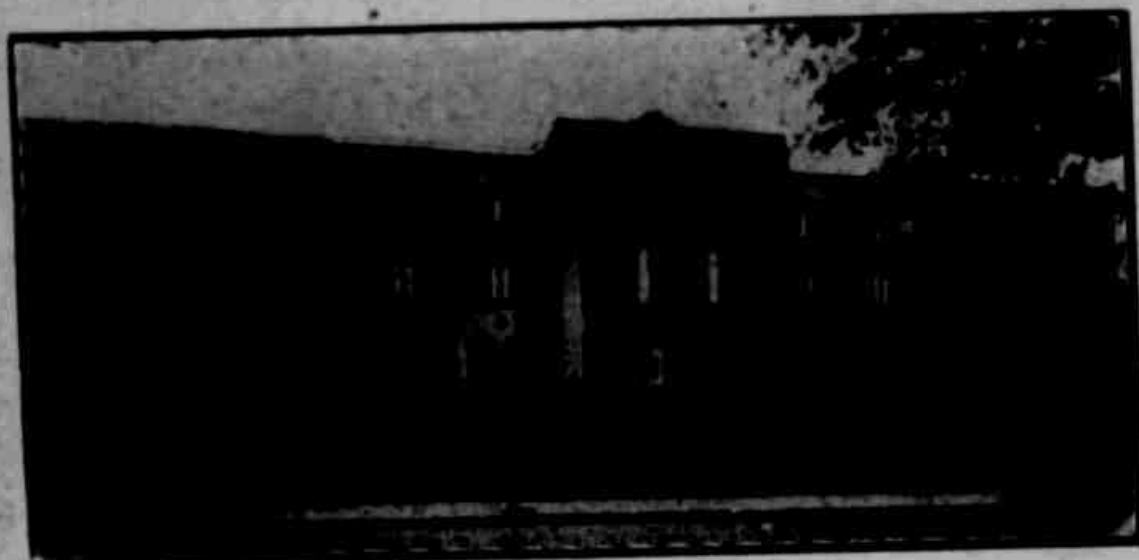
Peçam uma demonstração a domicilio devolvendo o coupon abaixo:

Estando interessado na acquisição de um preceptor 2514, peço proporcionar-me uma demonstração sem compromisso.

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Proporcionamos demonstrações só no Districto Federal.

Um livro gigante

O livro maior do mundo é o chamado pelo vulgo: "A biblia do diabo". Encontra-se na Bibliotheca de Estocholmo.

Cada folha mede 90 centimetros de alto por 50 de largura, manuscriptas em 2 columnas, em pequena letra gothica, está encadernado em couro de 4 a 5 centimetros de espessura.

Foi escripto num mosteiro da Bohemia em 1224.

Para transportal-o são precisos tres homens.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, orgão da alta cultura literaria e artistica do paiz, publicando em cada edição quatro reproducções de pinturas de autores nacionaes.

Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos seus leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 volumes cada uma das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-Rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo.

"Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac.

Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'"O Tico-Tico", demonstrando desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Compra Pelles Directamente

Se a Senhora perguntar a cinco das suas amigas onde compraram suas pelles, vae-se admirar, porque, quasi sempre, de tres obterá a resposta: "na Pelleteria Canadá".

RAZÕES ? — Extrema attenção aos freguezes, honestidade nos preços e qualidades dos artigos.

SORTIMENTO — Enorme variedade de pelles em todas as qualidades, das mais simples ás mais finas. Em renards — argentés, croisés, bleus, Candá-rouge, mongoliens; Isabellas; cafe-bleu, gris, etc. MARTRES — só francezas. GUARNIÇÕES — Astrakan cinza, marron e preto, arminho e toda a gamma de ejares e rases. Em feitios — legitimas cópias das melhores casas parisienses.

PREÇOS — Importando directamente em grande escala dos paizes de origem, ou adquirindo as pelles nos grannos leilões na Europa, temos a possibilidade de offerecer o nosso sortimento a preços excepcionaes e garantimos que elles nunca são maiores que os da Europa.

Pergunte a quem já comprou.

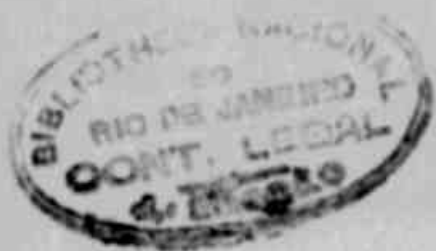
Famosa estrella cinematographica com adorno de martres.

Pelleteria Canadá

Uruguayana 21

Telephone 2-4827

RIO

Para todos...

O Mar é das Mulheres

ARUJOS, homens do mar... Porque, é certo, foram homens, decididamente homens, os primeiros navegadores. E as primeiras jangadas e pirogas, os primeiros transatlanticos e os primeiros couraçados, todas as primeiras cousas que boiaram ou fluctuaram á superficie das aguas, ou ao sabor das correntes endoceanicas, vieram, sem duvida, da iniciativa e da perseverança, da energia ou da audacia da ala masculina da nossa Especie.

Mas o mar é das mulheres...

Talvez porque na elegancia das primeiras galeotas e caravellas entrou um pouco de graça e agilidade feminina, bem assim que, ainda agora, na rapidez das torpedeiras e na doidivanas trepidação das lanchas-automoveis, anda um tanto da impaciencia e da insatisfactibilidade das mulheres...

Mas, nada. Isso não é bem argumento. Fica melhor talvez, renovar o velho mytho — velho e revelho — da vaga ionea, — a espuma emperolada e Amphitrite despetalando-se, como uma flor de carne, dos braços pelludos de Neptuno.

Porque o mar é das mulheres...

Eu só queria saber si foi o homem ou a mulher que inventou os banhos de mar. Refiro-me aos banhos, e não ás roupas de banhos, ou ás modas das roupas... Roupas — *modus in rebus*.

O banho é nada. As roupas, quasi nada. Os *maillots* da moda, isso é que é a delicia.

O melhor dos banhos é ficar na galeria: ficar na balaustrada, assistindo, de prôa, o theatro da Natureza, (como vaes Souza Filho!).

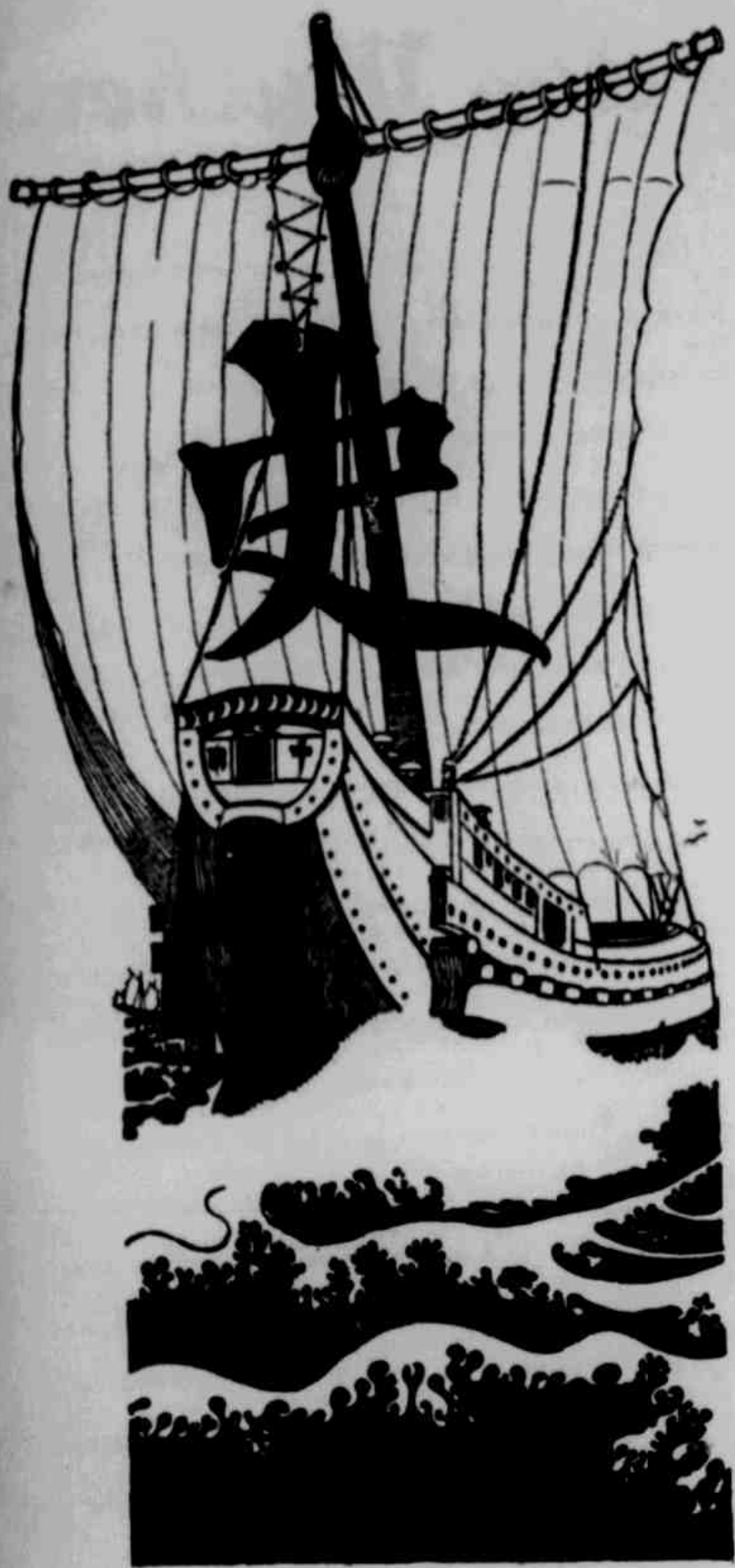
Os homens vão chegando. E vão chegando as mulheres, com ou sem os homens.

Vocês já foram ver? Entre os homens, quasi não ha meios-termos. Gorduchos ou magricellas. Aboboras e pepinos. Joelhos reentrantes, ou bifurantes, joanêtes, tornozellos dispares, mancaes torcidos. As mulheres...

A sra. Grazia Deleda (que, além de premio Nobel, é mulher e insuspeitissima) nos assegura que o maior *bluff* do mundo é um par de seios femininos. Mas as mulheres são treinadas: velam o ruim e mostram o bom. Vestem-se de accordo com a necessidade.

Por baixo do *maillot*, ficam as manchas de injecção, as cicatrizes, o talho, da appendicitomia. Por fóra, os braços rijos e ageis, o collo farto, as ancas firmes, as pernas sinuosas... e insinuantes.

E' ou não? O mar é das mulheres...

A IMAGEM

UM JUNCO ALTO...

— POSSO esperar, perguntou-me o meu amigo Li-Chéong, que sua estadia em To-King lhe deixe recordações agradaveis? A minha hospitalidade lhe agradou? De volta á França o meu amigo se lembrará della com carinho?

Discreto e attencioso, Li-Chéong, principe do chá, ha oito dias que me fazia as honras de To-King, cidade acocorada sobre o rio gigantesco que corre do centro da Asia até ao Pacifico. Todas as noites, com os seus companheiros, os principes da sêda, do arroz, das pedras preciosas ou do marfim, Li-Chéong me iniciava nos prazeres supremos da provincia meridional, fecunda e suave. De manhã conduzia-me ao escriptorio onde se realizam, com cortezia, serenidade e muito minuciosamente, transações formidaveis, destinadas ao bem estar de quatro centos a quinhentos milhões de sêres humanos. No fim da tarde, na sua nave de quatro remadores prudentes, mostrava-me as maravilhas do prodigioso bairro maritimo de To-King. Canôas e pirogas, purcos e sampanas, accumulados na ampla curvatura do rio, abrigam os humildes e artistas que, pelos infinitos entrelaçamentos dos rios da China, transportam a riqueza e a industria de To-King.

— A sua hospitalidade abriu-me um templo desconhecido, respondi-lhe. Qual é o europêu que poderá se vangloriar de conhecer a China que eu conheço? Foi um curioso que o senhor recebeu e ao qual retribuiu alguns serviços insignificantes. E' um irmão que parte amanhã, cheio de saudade e de gratidão.

Com um sorriso fino, Li-Chéong acquiesceu. A sua mão aristocratica fez um signal e os quatro remadores dirigiram a nave por entre o formigueiro de barcos. A presença de Li-Chéong, o seu nome escripto na prôa em letras vermelhas, a opulencia secular da raça, a sua inespugnavel benevolencia, abrem passagem nas mais complicadas confusões. Canôas e barcos se afastavam com gritos e saudações estridentes. Approximamonos de um alto junco, em torno do qual se amontoavam enxames, sem cessar renovados, de sampanas.

Li-Chéong examinou com attenção, deu uma ordem rapida aos remadores, confirmada por uma indicação do dedo. A nave, a custo, dirigiu-se para o junco central pelo labyrinto sinuoso dos barcos e das catraias que o abordavam.

Elle era longo, vasto e muito bem conservado. O grande beliche de ebano polido dominava a multidão de sampanas. No mastro obliquo, a verga curva supportava a vella cuidadosamente enrolada. Aquelle junco, com certeza, chegára á tarde. Sinão eu já teria distinguido, nos nossos longos passeios, o seu volume deslumbrante, a prôa de côres vivas. Já teria pedido para conhecer a luxuosa industria que devia carregar.

— Este junco não estava ahi hontem? Vamos visital-o?

Li-Chéong concordou com um movimento de cabeça.

— Por que tantos visitantes que não são pescadores nem artesãos e que sóbem pensativos e descem gesticulando? perguntei ainda.

Li-Chéong hesitou alguns segundos; depois, sorrindo:

— O meu amigo subirá e descerá do mesmo modo. Não ha exemplo de não ter esse mysterio abatido aos que o affrontam... mesmo quando sabem a divisa... Como eu... Já estou concentrando todas as minhas faculdades lucidas... E tenho certeza que serei batido!...

Evidentemente Li-Chéong não queria me offerecer uma pista. Não insisti. Entretanto, a invencivel curiosidade, a mania européa de saber *um pouco mais*, me suggeriu um rodeio.

— Que significam as letras douradas que brilham no beliche?

— São, póde-se dizer, intraduziveis, respondeu Li-Chéong depois de reflectir. Em chinez o sentido é justo. A traducção para qualquer lingua tira a sua flor de finura. Seria necessario quasi que a linguagem da sciencia physica, da optica ou dos espelhos... e ainda não bastaria...

— Póde traduzir assim mesmo. Procurarei comprehender.

— *A Imagem real*... Sim, apenas estas duas palavras: *A Imagem real*... O que é real sem ter existencia... A apparencia derivada da coisa... O que decepciona ou instrue, conforme os olhos que olham e a intelligencia que elucida... Sim!... Tem todas as significações. E no entanto não é nada disso... Mas como explicar?... Aliás, o senhor vae ver!

Li-Chéong imperceptivelmente, levantou os hombros e voltou ao silencio meditativo. Eu estava satisfeito. As suas hesitações me haviam mostrado o caminho.

— Ora! pensei. Alguma prestidigitação bem apresentada, como já me tens feito assistir varias noites em tua casa. Um pouco de hypnotismo, um pouco de auto-suggestão, qualquer truc bem disimulado... E elle teme que eu descubra a fraude. Mas não lhe darei nenhum desgosto, por pequeno que

Real

seja. Absorverei o mysterioso, renunciando a descobrir, *in petto*, os fios. Já que se trata de imagens e optica, olhemos claro e nada de distrações!

O esperto Li-Chéong tinha razão. Eis que, por minha vez, sahia da vida ambiente, não ouvia mais o rumor das sampanas formigando em torno do junco, as imprecações dos nossos

quatro marinheiros atropelando na balburdia. Eu estava preoccupado, ausente. Do fundo das minhas lembranças, chamava, a toda pressa, as regras opticas. Construia uma resistencia logica, sem mesmo saber contra que.

Emfim, subimos para o junco da *A Imagem real*. Toda a retaguarda era occupada pelo amplo beliche de taboas de ebano hermeticamente juntas. Nenhuma janella, nenhum postigo, interrompia a continuidade de suas paredes. Um verdadeiro covil obscuro, negro de segredos silenciosos. Não se ouvia ruido algum vindo de lá. Diante da porta apenas entreaberta, a multidão de chinezes cochichava em torno de nós, perto do mastro e até na prôa, á espera da entrada. Reconheci alguns dos artesãos que, em passeios anteriores, já havia visitado; a Li-Chéong e a mim, elles só dirigiam um imperceptivel olhar de conhecimento e depois continuavam, com personagens loquazes, palestras vehementes. Esses personagens recebiam *taes*, *sapeques*, e davam em troca pedaços de papel com uma palavra escripta. As migalhas do idioma que eu aprendêra me permittiam comprehender as duas palavras que cada bocca murmurava e que estavam nos bilhetes.

UMA VASCA DE BRONZE..

DUAS ESTATUAS IDENTICAS...

Direita! Esquerda! Esquerda! Direita! repetiam uns e outros, entregando a contribuição e recebendo a papeleta. Parecia uma assembléa de apostadores fazendo jogo com *bookmakers*. O meu espanto crescia. Communiquei-o a Li-Chéong.

— São effectivamente jogadores, respondeu-me elle, com um tom de leve irritação. Os chinezes apostam sobre as coisas mais santas E' preciso não lhes querer mal por isso.

— E por que querer lhes mal?

— Comprehenderá mais tarde, disse: Li-Chéong, seccamente.

Neste instante a porta de ebano se abriu. Uma fornada de espectadores sahiu do beliche. No bruhaha das palavras, eu distinguia uma unica: *Esquerda! esquerda! esquerda!* A metade pelo menos dos recem-vindos precipitou-se para os recebedores de dinheiro, apresentando-lhes os bilhetes com a palavra *esquerda* e rebendo uma quantia que era evidentemente o dobro das anteriores. Nenhum grito de altercação. Pagavam com toda a exactidão. Todo aquelle manejo representava um enigma para mim. Li-Chéong puxou-me pela manga:

— Ande ligeiro! Sinão ficará no fundo da sala e não verá nada. E' a ultima sessão desta noite!

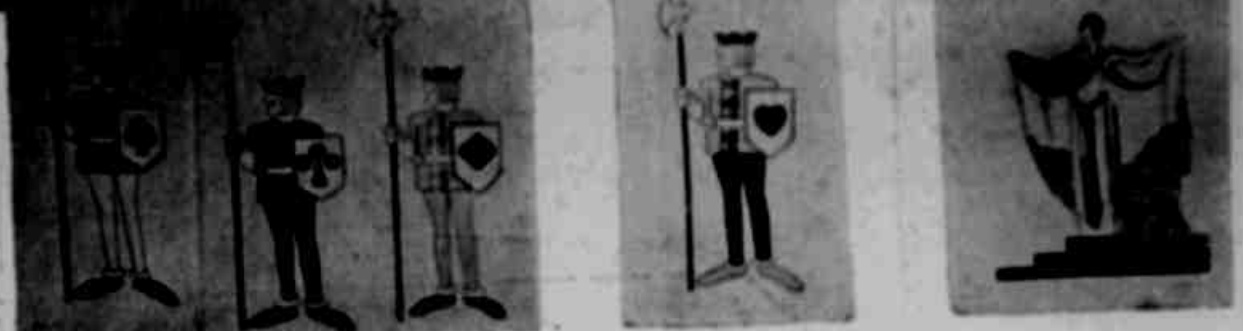
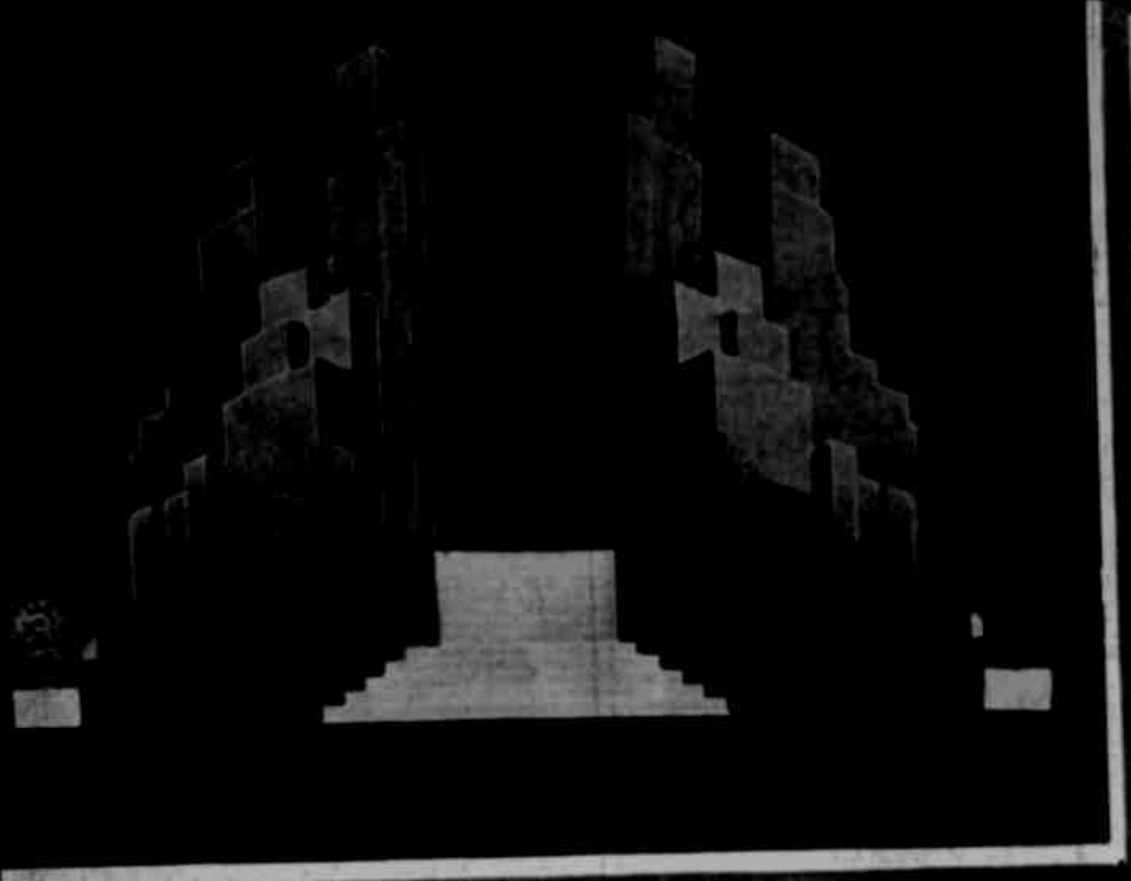
Forçamos uma passagem entre a balburdia apressada que entrava, silenciosa, no beliche de ebano. Esse já estava cheio até o meio. Ficamos na oitava ou decima fila, acotovelados pela multidão dos novos espectadores, que apenas divisavamos. No tecto um unico candieiro de bronze espalhava uma claridade falsa, um pouco tremula, que dava clarões fantasticos á assembléa de rostos glabos, olhos apertados, tranças enroladas sobre os craneos raspados.

— Seja o que fôr, — pensei, — a preparação é bôa! Obscuridade quasi completa. Formação de um pensamento collectivo. Irritação da espera... Até o elegante Li-Chéong parec levado para um segundo estado!

Concentrado, Li-Chéong fixava a cortina de setim azul escuro, junto da qual se agrupava a primeira fila de espectadores... As palavras que significavam *A Imagem real*, maravilhosamente bordadas a ouro, reflectiam os reflexos do candieiro. A atmosphera pesava com a respiração dos da nossa fornada e dos que a haviam precedido. A espera foi longa, longa, chegou a me provocar formigueiro nas pernas, caimbras nos rins.

(*Termina no outro numero*)

ENLACES

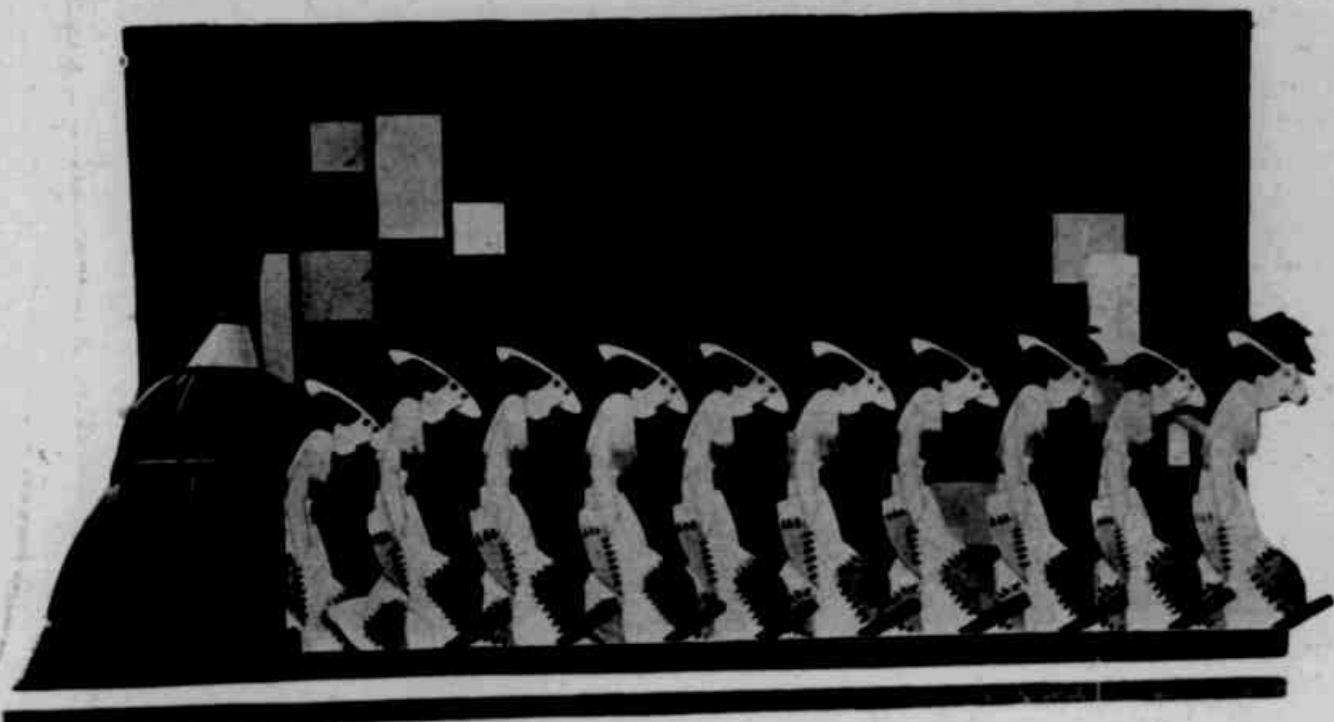
Consuelo Bandeira e Domingos Azevedo.

Nair Soares e Waldemar Alpoim

Clélia Aché e Tenente Djalma Petit

Maria do Carmo Silva Lima e Sylvio Ramos Lopes em Recife.

Erijam as empresas o bom theatro em programma

Venho affirmando a necessidade de entregar a direcção dos nossos theatros a intellectuaes, a capacidades artistico-literarias que saibam ler uma peça e em cujo criterio possam confiar os autores e o publico. Penso, mesmo, que as nossas empresas se querem subsistir, não têm outro caminho a seguir, e os factos corroboram minhas palavras. Com effeito, as temporadas fracassadas das Empresas Neves & Cia. e M. Pinto, no Casino; o esforço exhaustivo a que se dão Procopio, no Trianon, e Roulien, no Lyrico, por manterem razoavel corrente de publico; a pessima estréa, agora, da Companhia Alda Garrido, no Phenix, são eloquentes. Mente quem affirmar que o publico se desinteressa do theatro. Annunciado o inicio de uma temporada elle comparece. Inteira-se da absoluta falta de merito do espectaculo que lhe offerecem e retrae-se. Não se póde, sem grave injustiça, attribuir o fracasso aos interpretes. As peças é que, por via de regra, não valem nada.

As empresas theatraes — as actuaes ou outras — quer queiram, quer não, têm de mudar de orientação. O remedio, porém, não produzirá effeito immediato, sua acção será lenta, mas segura. O publico de educação e cultura escassa, frequentador da chanchada, terá de ceder o logar ao outro, mas essa substituição não se fará da noite para o dia, mediante um simples annuncio nos jornaes. E como aquelle fugirá mais promptamente do que este affluirá, as empresas conhecerão um periodo de máos dias, largamente compensado pelos lucros do futuro.

O Recreio montou e tem em scena agora "E' do outro mundo...", de J. Carlos. Quem tem ido ao popular theatro da rua D. Pedro I terá notado que na revista de J. Carlos ha harmonia de concepção e um traço original de execução. Ha humor e graça que não provocam gargalhadas, mas que produzem uma deliciosa impresão nos espiritos. Sente-se que uma intelligencia brilhante e um senso artistico apurado trabalharam, com esmero, numeros, scenas e quadros e, honestamente, apresentaram, do melhor modo possivel, o resultado do seu esforço.

De nada vale, entretanto, a enscenação esporadica de originaes de real valor como "E' do outro mundo...". Ha, ahi, apenas, a demonstração das nossas possibilidades. Cumpre tornar a resolução de momento em programma. E quem o fizer terá tudo a lucrar, ao mesmo tempo que presta um grande serviço ao theatro no Brasil e á educação literaria e artistica do nosso povo.

M A R I O N U N E S

Scenarios e figurinos da revista de J. Carlos "E' do outro mundo..."

"Le souvenir est
un poête.
N'en fais pas un
historien...

Paul Géraldy"

E' para a'ém da Ponte do Pina. Um nome que chama a gente: Bôa-Viagem...

E a gente vae. Depois da desfilada rectil'nea por entre o accidentado dos mucambos que margeiam pittorescamente a avenida dos bondes e dos autos, num 'ncurvamento brusco, a praia projecta, kilometros a fio, a linha ondulada de suas areias côr de ambar.

Um ambar mesclado de rosa, dando a impressão de um avesso de concha, sobre o qual as jangadas, largadas em repouso são verdadeiros brinquedos de creança.

Brinquedos de creança grande, creança destimida, para distrahir o mar ainda maior.

Um cordão de recifes, estendido a perder de vista, sublinha de fóra o desenho sinuoso da costa, dando á praia a surpresa de duas arrebentações: a que se encrespa, irritada, de encontro ao baluarte das rochas aflorantes e a outra, a de dentro, já serenada e arrefecida, que vem lamber numa espumarada preguiçosa o declive manso do litoral.

Para o lado da terra, deante da verde immensidade essa outra immensidade tambem: o mar de plumas verdes do coqueiral. São leguas e leguas de coqueiros, estes coqueiros nordestinos de um cunho tão intensamente brasileiro, sob as palmas frisadas das quaes se aninham, aqui e ali, a modernice cosmopolita dos "bungalows".

Enlace
Nair Cruz Santos — Dino Galvão Bueno

Bôa - Viagem

por

Maria Eugenia Celso

Bôa - Viagem, justo orgulho dos pernambucanos, representa a Copacabana de Recife. E' o bairro balneario por excellencia, um bairro chic. Ostenta, porém, a faceirice de não ter deixado ainda de ser pittoresco, com este bello ar selvagem e desordenado que o salva da vulgaridade, personalizando-lhe o natural encanto.

Pelas horas nostalgicas do poente, quando na planura de em torno um céo de cornalina se engasta como a cupula incendiada de enorme zimborio, o friso emplumado dos coqueiros se destaca em cinzeladuras de baixo relevo egypciano.

Africa ou Brasil?...

O romantismo da hora põe em tudo qualquer cousa de devairadamente melancolico... A alma agreste de Bôa-Viagem erra talvez na caricia vivaz desta aragem de incomparavel frescura. A primeira luz começa a faiscar no pequeno bar, agachado á beira da praia, no ponto terminal da linha de bondes.

Já não ha mais ninguem tomando côco verde nas mesinhas desertadas.

Um ou outro automovel retardado passa correndo, rumo á cidade...

Daqui ha pouco, da orla extrema do horizonte, que por uma leve barra azulada mysteriosamente se entreabre, a lua vae surgir.

Será então a grande magia de Bôa - Viagem ao luar.

O coqueiral todo negro, na lactescencia do ambiente transfigurado, estende ao infinito a cortina buliçosa de suas palmas, immobilizadas agora num extase sob a claridade entorpecente.

Depois do bar, pelo branco estendal de uma successão de praias de sonho, onde o carro deslisa como sobre um asphalto de setim, doze kilometros de areia dura, doze kilometros de um maravilhoso nocturno de prata e cinza, orchestrado pela voz distante da maré que vem na cheia.

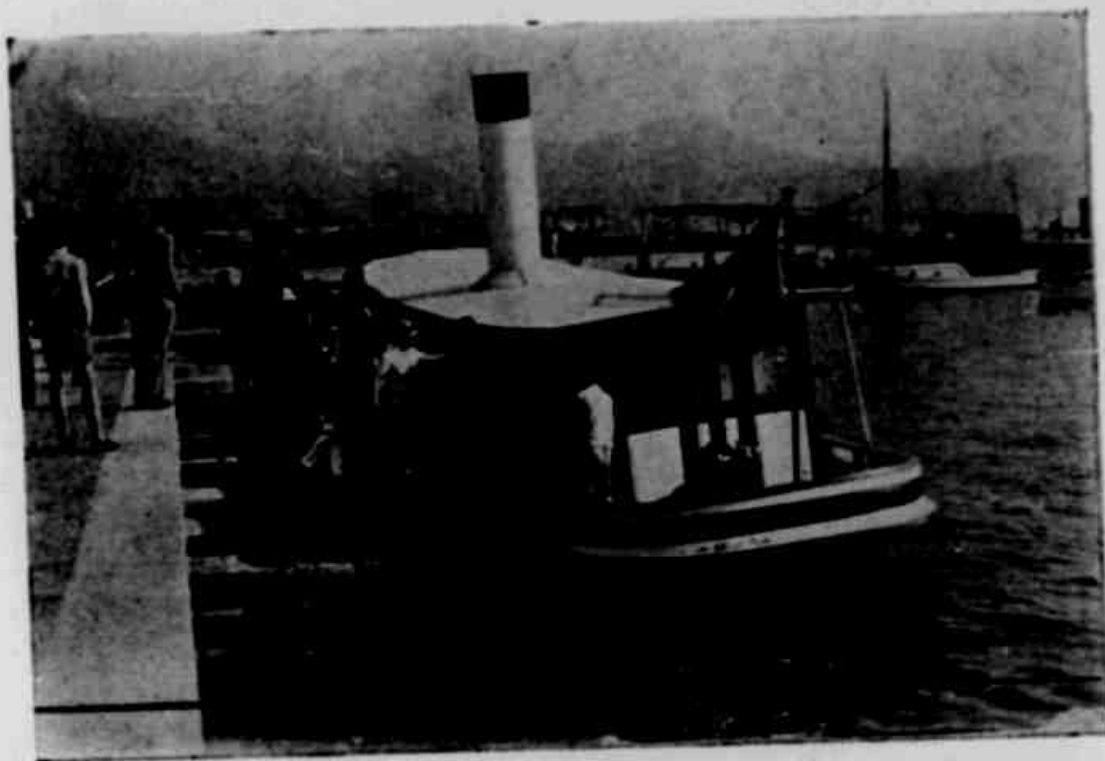
E' preciso andar mais depressa do que ella para chegar, lá no fundo, á foz do rio Jaboatão.

O carro vôa sobre a maciez phosphorescente desta incomparavel estrada de rodagem. O pharol de Santo Agostinho pisca muito longe seu olho vermelho.

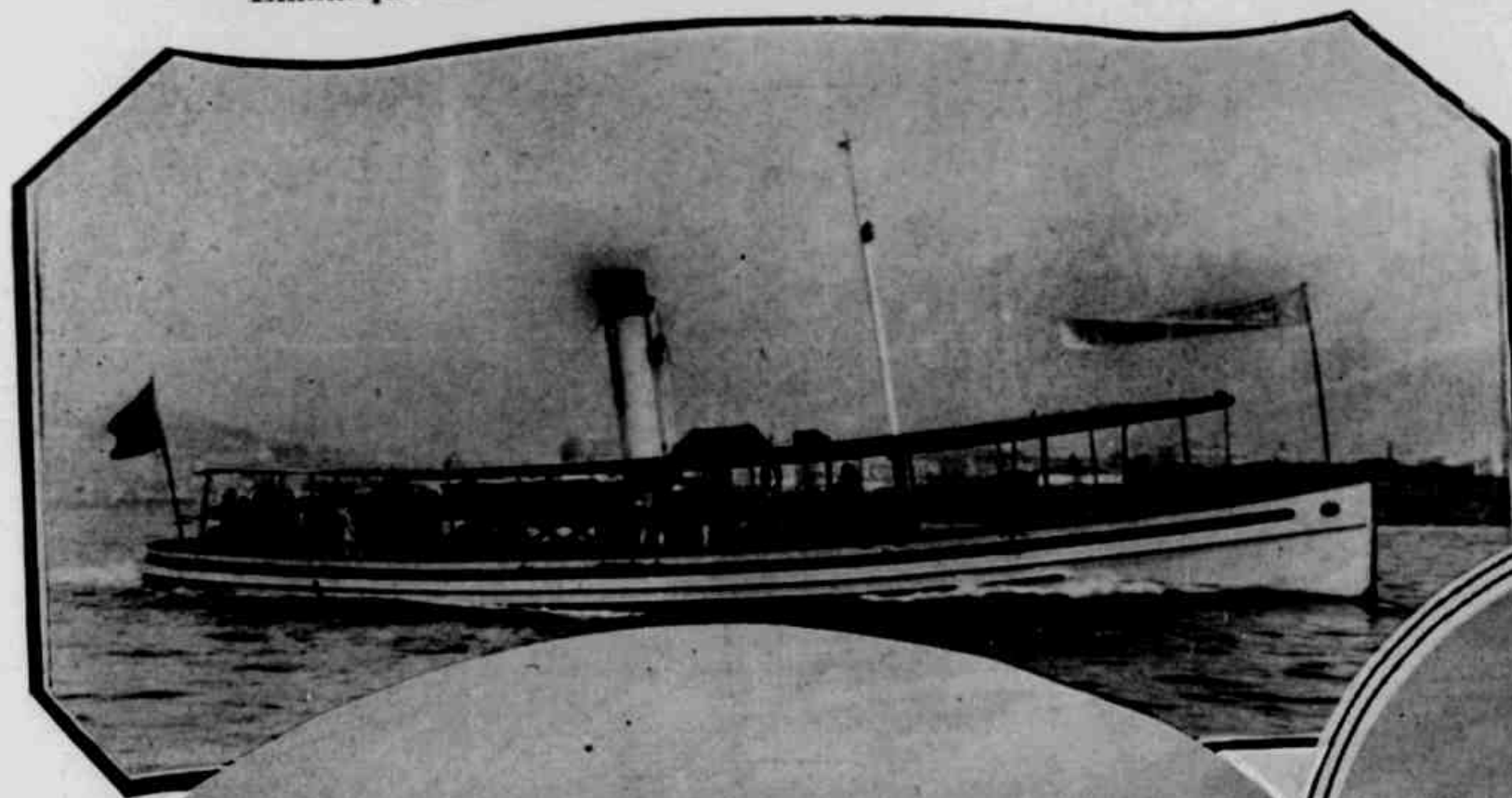
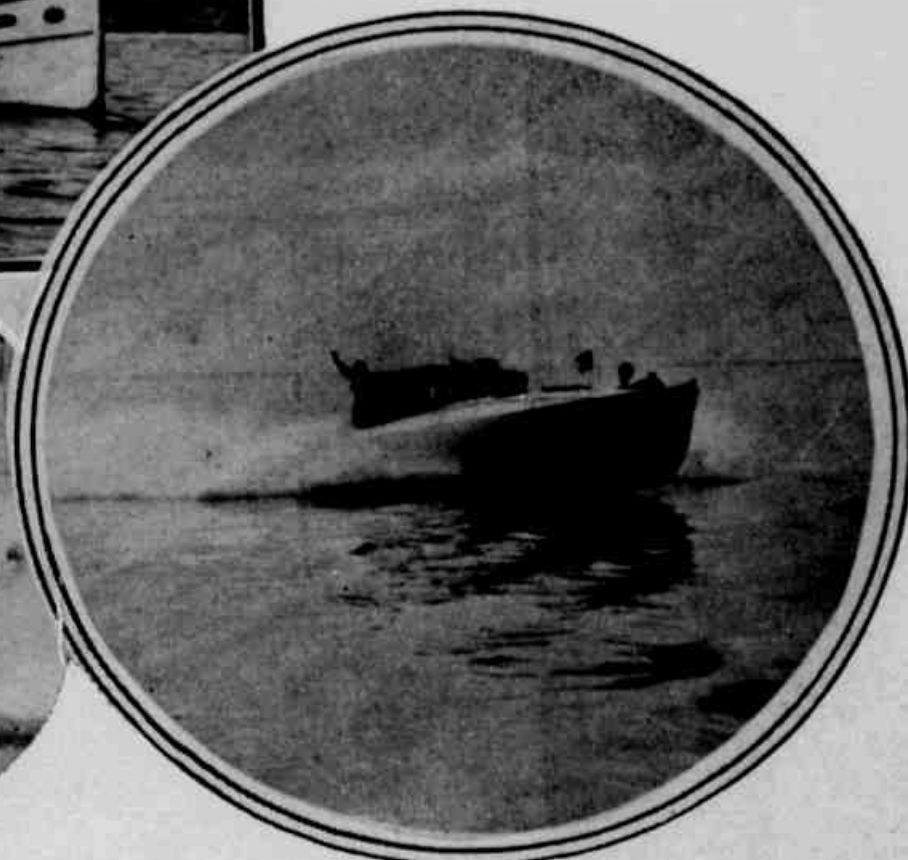
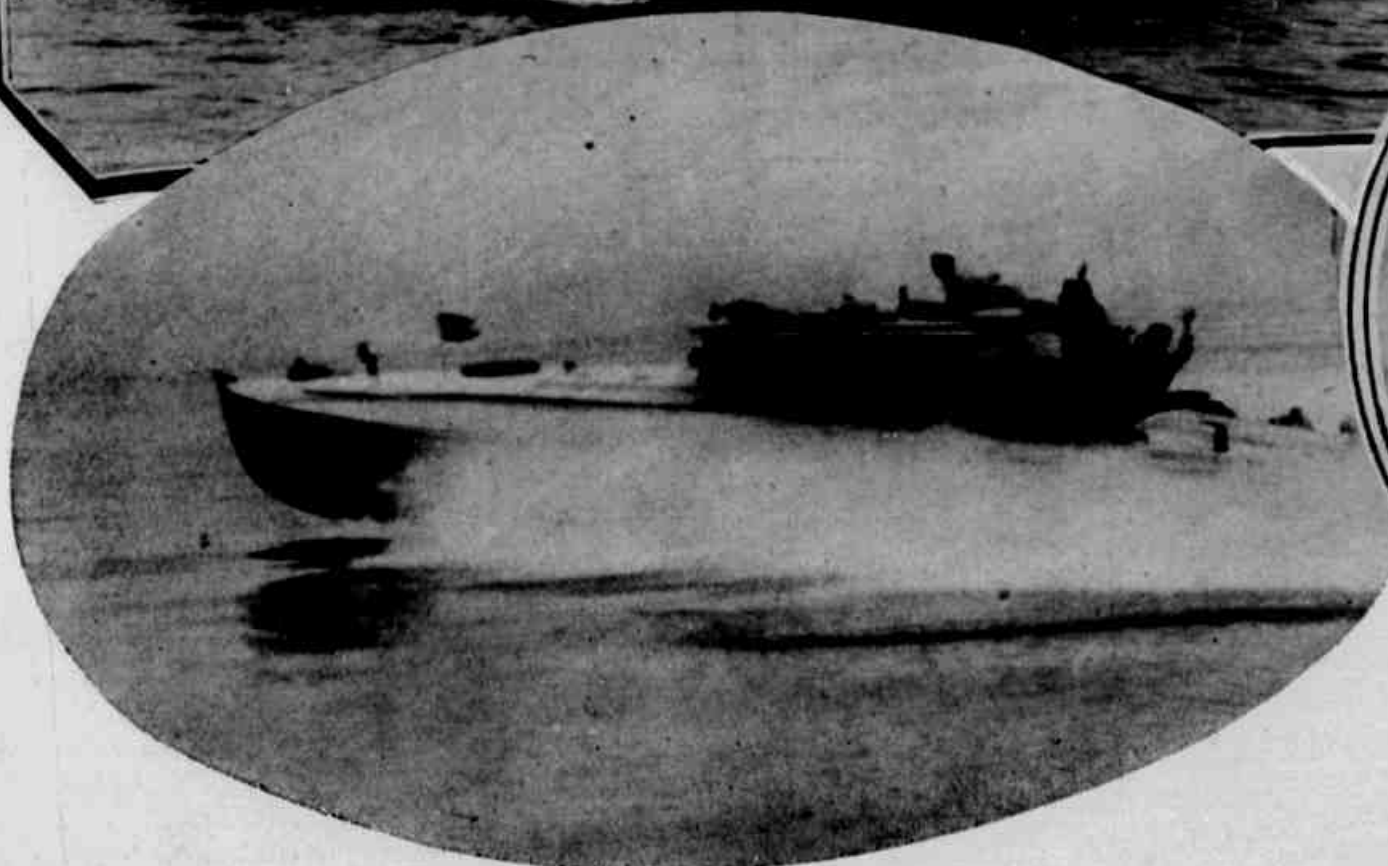
A divina belleza do scenario nos tentaria a ficar... Mas a franja da agua chiante, já se vae approximando do renque majestoso dos pressa!... Depressa!... O mar vem subindo... vem subindo... Ah! Bôa-Viagem...

FLUMINENSE YACHT CLUB

Grupo dos presentes

Foi no outro domingo e foi um passeio estupendo o que a nova sociedade proporcionou aos seus socios e convidados, pela bahia de Guanabara.

Embarque numa das lanchas

Examinando as plantas

O ponto de reunião, a séde em construcção na Praia Vermelha, encheu-se desde cedo e todos visitaram as obras que estão adiantadissimas.

Lancha com os convidados.

A "Yara" do Dr. Arnaldo Guinle

O MOMENTO MUSICAL

Jacques Thibaud, o maior violinista da raça latina, que o Rio vae ouvir em quatro concertos no Theatro Municipal.

Em baixo:

O violinista brasileiro Celio Nogueira que realiza o seu recital deste anno amanhã de tarde, no Lyrico, vesperal Viggiani.

A CANTORA EDMÉA MONTANARI

Edméa Montanari, além da sua seducção pessoal, tem a seducção irresistivel de sua voz linda, quente, insinuante. Voz privilegiada de uma grande artista, para quem a arte de cantar é o grande segredo de sua arte de seduzir. Ella voltou-nos ha pouco cheia de glorias colhidas no Colon de Buenos Aires, e agora vae reapparecer collaborando no concerto que Corbiniano Villaça prepara para hoje, no Salão do Club Germania. O nome de Edméa Montanari, só por si, assegura o successo dessa reunião de arte—T. G.

Stephana de Macedo, interprete original das nossas canções, vae a Montevidéo e Buenos Aires, e no Lyrico, quinta-feira, 26, dá um recital em despedida, com interessantissimo programma.

Musica

MATHILDE DE ANDRADE BAILLY, cantora d grande sensibilidade. Interprete fina do repertorio fino. Reapparece ao publico depois de amanhã, 23, em um recital no Casino Beira-Mar.

ESCREVO estas linhas de volta da vesperal de Antonieta Rudge Miller, em bôa hora incluida entre as vesperaes de arte promovidas para este anno pelo empresario Viggiani.

"Em bôa hora", disse eu e disse-o bem. Depois dos oito maravilhosos concertos de Brailowsky, o reapparecimento de Antonieta Rudge veio provar, mais uma vez, que possuimos artistas de valor excepcional, que não ficam mal na emergencia de um confronto, como o que todos acabamos de presenciar. E a prova tivemol-a todos no acolhimento dispensado á primorosa pianista, que não se sabe ao certo como mais fascina o seu auditorio: se pela sua captivante bondade pessoal, se pelo grande encanto de sua arte personalissima.

Seja como fôr, a verdade é que o mesmo publico que, naquelle mesmo theatro, dias antes, vibrava deante das interpretações de Brailowsky, deliroụ, ainda ha pouco com a execução verdadeiramente primorosa, que Antonieta Rudge deu ao seu programma delicioso.

Apesar de lutar com as deficiencias do velho Bechstein que lhe estava sob os dedos, Antonieta conseguiu tirar todos effeitos que desejou, para satisfazer ás suas exigencias de interprete e fazer vibrar o seu auditorio.

Escripto eminentemente eclectico, ella nos trouxe de Scarlatti a Villa-Lobos, fazendo viver o periodo classico da musica, representado pela Garota, de Rameau, pela Sonata de Scarlatti e pelo Preludio e Fuga em ré maior, de Bach-Busoni. Homenageou, depois, Chopin, atravez da Barcarola, do Estudo nº 9, do Preludio nº 24, do Scherzo nº 3 e da Berceuse, a que deu uma execução incomparavelmente poetica, e Wagner-Liszt, de quem nos deu A Morte de Isolda. E, por fim, revelou-nos os imprevistos da musica de nossos dias — Ravel, Prokogiew e Villa-Lobos, com a Alvorada del Gracioso, o Preludio e a Alegria na Horta — paginas com as quaes, de surpresa em surpresa, a arte contemporanea interpreta a seu modo e sente á sua maneira a musica como expressão de belleza. E em todo esse programma — ao qual ella teve de accrescentar seis ou oito numeros extraordinarios — o seu temperamento triumphou, quebrando impetos e amainando arrebatamentos, para que a sua execução não perdesse nunca o seu grande traço caracteristico, isto é, a suavidade, a espontaneidade, a serenidade inconfundivel com que vence escolhos e subjuga as transcendencias da technica do piano.

Como os recitaes das artistas verdadeiramente grandes, que nos visitam, o de Antonieta Rudge ficará. Ficará, como ficam as impressões fortes para o nosso espirito, como ficam as grandes emoções que attingem fundo a nossa sensibilidade.

A lamentar apenas que ella se faça ouvir tão poucas vezes no Rio de Janeiro, onde tem sympathias arraigadas, e cujo publico ella bem sabe que a conta como uma de suas artistas predilectas.

* * *

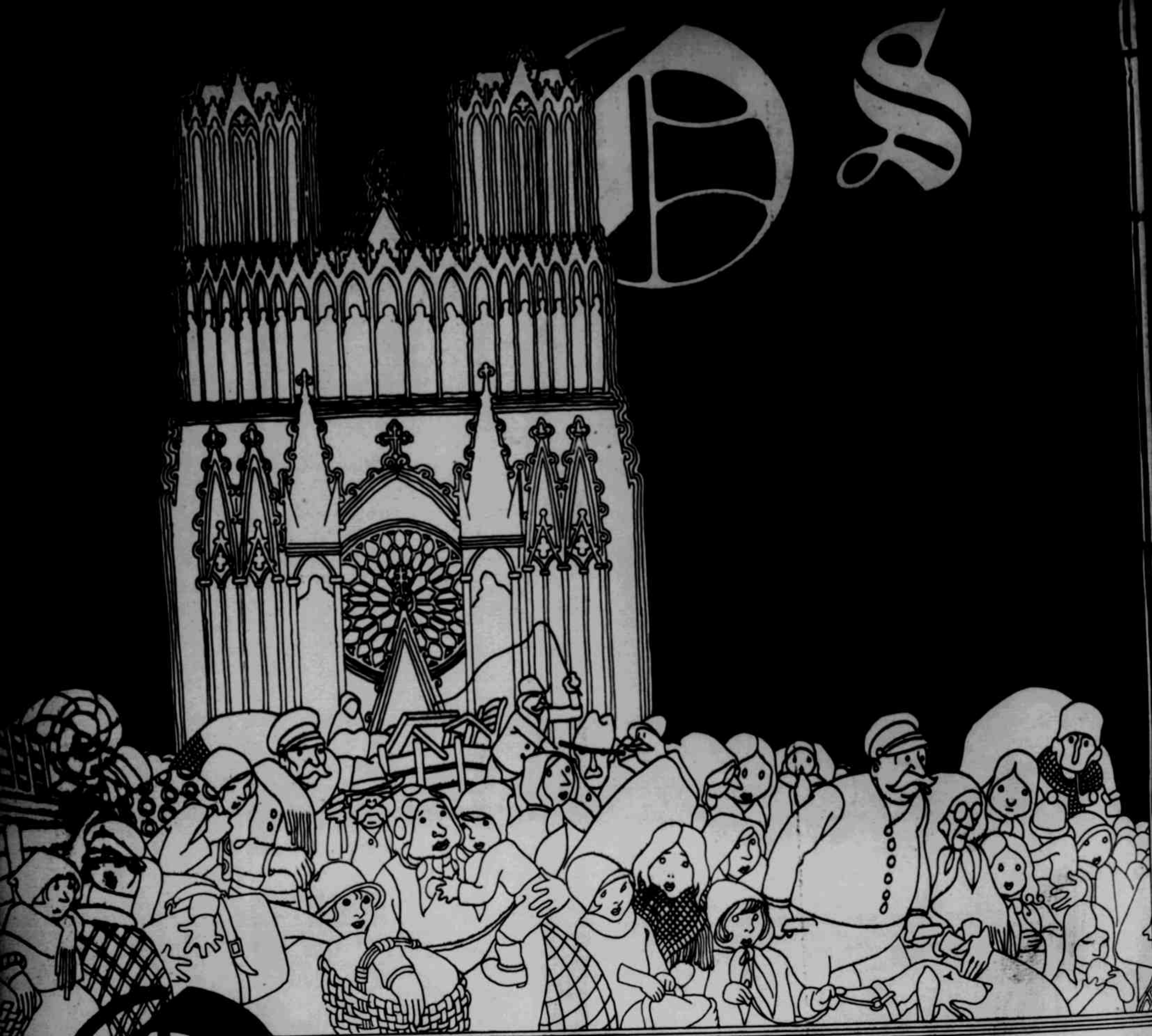
A semana contou, ainda, com um concerto de primeira ordem: — o de Romeu Ghipsmann, violinista que cada vez mais se impõe á admiração e ao applauso do nosso publico. Effectivamente, obrigado, pela necessidade de ganhar a vida, a fazer parte do pequeno conjuncto instrumental da Radio Sociedade, e, por consequencia, a tocar todos os generos de musica, Romeu Ghipsmann, entretanto, não se deixa vencer. O seu bom gosto artistico pede-lhe momentos de concentração pessoal, durante os quaes estuda para si. Nelle, o musico de conjuncto não vence o solista, que é o artista de vontade e de temperamento proprios, que nelle predomina. E eis por que não se deixa vencer. O tablado de um salão de concertos seduz-o irresistivelmente. E, se durante trezentos e sessenta e quatro dias do anno elle é apenas um musico de orchestra, um dia ao menos elle é o concertista que se expande dentro de uma linha impeccavel de interprete, fino, que tem a seu serviço uma technica de primeira ordem.

O seu programma teve uma execução magnifica. Exceptuada a Sonata nº 13, de Rubinstein, para piano e violino, todos os demais numeros tiveram acompanhamento de orchestra que obedeceu á direcção do Maestro Francisco Braga.

T. G.

Sylvinha de Vergueiro Lobo, pianista paulistana, de 7 annos, que no dia 28 do corrente se apresentará ao publico carioca no Casino Beira-Mar.

NADIA SOLEDADE
Depois de 3 annos de ausencia, voltou da Europa, victoriosa e consagrada. Aqui está uma lembrança de Nadia no "Bois"...

Os

QUANDO a artilharia inimiga ecoou nos arredores da cidade, toda gente começou a emigrar. Passavam, num desfile melancolico de retirada, carroções pesados, carregando as maravilhas e as riquezas dos museus e das arcas. Os camponezes deixavam as lavouras; as mulheres faziam as trouxas e, assim, formava-se o exodo pelas estradas e pelos atalhos da cidade ameaçada. Mal se ouviu o ruido do canhoneio ao longe, o alvoroço matou a tranquillidade daquellas pobres almas. Eram batalhões de afflictos fugindo ás perspectivas mais crueis. Louis-Henri-Joseph-Luçon, guardião da Cathedral, abriu a janella de sua residencia e contemplou o espectaculo. Viu a procissão do desespero atravessar as ruas e praças de Reims á procura do ignorado. Olhou para o céo como a receber a inspiração. Emquanto engrossava a fileira dos retirantes, o prelado seguiu em direcção opposta e chegou ao templo que lhe cabia guardar. Estava deserto. A voz dos canhões assustára as ovelhas mais fieis. A vida em perigo arrefecera os enthusiasmos da crença. O temor da conquista extinguira a flôr das orações. O sacerdote viu tudo isso e pensou no seu abandonado santuario. Era necessario guardar uma fidelidade digna de sua belleza e de sua tradição. Lá fóra, augmentava o borborinho dos exilados. Seria facil escapar á inquietação daquellas horas terriveis incorporando-se a uma leva de fugitivos. Mas o seu templo? Que seria daquella igreja, "nobre entre todas as igrejas do reino" na expressão de Carlos VIII? O guardião Luçon evocou, num sentido retrospecto, a historia espiritual e a historia nacional daquelle templo que illuminou milhares e milhares de consciencias, e onde se coroaram quasi todos os soberanos de seu paiz. Uniu a visão do santo á visão do patriota. E sentiu ainda a clemencia do artista, passeando os olhos pelo adito iniciado por Jean d'Orbais; pelo côro trabalhado por Jean Le Loup; pelas naves, que lhe falavam do gosto de um Gaucher e de um Bernard; na maravilha do portal maior de Robert

de Concy; nas galerias reconstruidas por Arveuf; no prodigio secular de tudo aquillo que elle amava com a maior paixão da vida.

Como abandonar semelhante legado e semelhante adoração? O sol clareava o interior do templo atravez da grande e sublime rosa de Bernard de Soissons, que abria do alto as doze petalas de seu vitral. O guardião Luçon esqueceu a vida lá fóra e ajoelhou-se em frente do altar-mór, numa sublime lição de desprendimento.

-:-:-:-

Não acabara de elevar as suas orações, quando sentiu que alguma coisa lhe cahia aos pés. Olhou para o solo, e viu um crucifixo partido. Era o Christo que elle benzera na ultima festa religiosa que antecedera o periodo da guerra. A imagem de Christo! Que admiravel convite á resignação e ao desprendimento. Era necessario velar pelo destino do templo que lhe fôra confiado. E o sacerdote ficou. Dahi assistiu ás offensas atiradas contra a sua inegualavel Cathedral: E viu torres feridas, naves desabadas, capiteis sulcados, toda uma ronda de soffrimentos que se communicavam ao seu templo e á sua alma. Mas era necessario ficar. Era preciso que a cidade não se entregasse despovoada e sem resistencia á investida proxima do inimigo. Ao menos este guardaria o respeito pelas energias que sobrassem e pelas victimas que o não temessem. Mas como operar semelhante heroismo?

A população deslocava-se todos os dias, carregando os seus haveres e desprotegendo as alfaias. Os obuses ecoavam assustadoramente destruindo lares e lavouras. Só a força de um milagre renovaria a coragem esmorecida. O sacerdote reflectiu. Uma bella manhã elle despertou de sua meditação com o estampido do canhoneio mais proximo. Era o inimigo que se avisinhava. Era tambem o instante que reclamava a suprema energia. Elle deixou a caixa da capella mór onde orava e correu á arcaria central do templo. As balas destruiam os lares, destelhavam os edificios publicos, afugentavam as familias. O sacerdote não hesitou. Lá em cima, nas torres, estavam os sinos de sua adorada cathedral, os sinos que tantas vezes haviam soado para a alegria dos fieis. E se

(Termina no fim do numero).

Os Pombos

FRANCIS TAMMES

OS tambores da chuva fazem dansar as folhas do bosque proximo. Antes de nos mettermos debaixo das arvores, assobiamos, para saber si nenhum vôo de pombos, que poderiamos pôr em debandada, anda, neste momento pelas immediações. O mestre caçador Camedeban responde-nos, de longe, que os caminhos estão livres. Em fila, como indigenas, avançamos pelas trincheiras cujo subsolo se acha, por vezes, a um metro e cincoenta de profundidade, recoberto de pequenas plantações em arco e, cá e lá, loureiros o avezinhos.

Penetramos logo na cabana onde se passa toda a acção do jogo apaixonante. A construcção tosca, coberta de telhas, foi com tamanha habilidade incorporada ás arvores que a dominam, é, naturalmente, tão bem escondida, tantos galhos a dissimulam, que eu não creio que passe pelo espirito de nenhuma ave que seja outra coisa que a morada de uma velha fada inoffensiva, amiga da Bella Adormecida no Bosque. De um recanto que serve de cozinha, e onde já ferve a incomparavel comida dos Landes, sóbe, pela chaminé, para o céo chuvoso, o unico floco azul do dia. Essa mancha artificial e minuscula só póde seduzir os viajantes alados e assustados. E, com effeito, apenas desembaraçados das nossas capas muito molhadas, ouvimos o assobio do vigia que está no seu posto, especie de pequena varanda de urzes, de onde a vista abrange um vasto horizonte. Os pombos vêm de lá, lá de longe, onde ninguem, a não ser elle os distingue. Vejo-os por minha vez. Parecem uma sementeira arrastada pelo vento. A sementeira augmenta rapidamente, porque a velocidade desses passaros é vertiginosa. Nós só nos movimentamos na cabana com precauções infinitas, temendo até esbarrar numa das moitas que a circundam e onde alguns dos nossos descançaram os canos das espingardas. Camedeban já se muniu de longos fios que elle manobra do interior da casa-pombal, para fazer balançar, sobre os cimos vizinhos, as raquetas em que estão os chamarizes. Esses, assim que o movimento é dado aos poleiros, batem as azas, convidando os irmãos, que os imaginam livres, a virem se misturar com elles e comerem os grãos de trigo. O estratagema não falha. Chegam aos nossos ouvidos os rumores das azas robustas dos que arribam. O vôo das aves rodeia a barraca, diante da qual ha um espaço desguarnecido, semeado de grãos de trigo, para onde atiramos, de um alçapão que abrimos no momento, chamarizes de azas amarradas que se apressam em mariscar. Esses chamarizes se chamam "frangos". O officio delles, assim como o de uma outra especie de chamarizes presos ao chão, mas que podem mover as azas, é convidar os pombos livres a se unirem a elles para catar o trigo espalhado.

E os pombos livres vêm, em parte, se juntar a elles, no chão, onde se imaginam garantidos, sem darem attenção á larga rede que, disposta de cada lado, lhes cahirá daqui a pouco. E' então que o torneio se torna interessante e que é preciso o mestre caçador usar de todos os seus artificios para que desça ao terreno nú, o maior numero possivel de passaros. A extrema desconfiança os faz, a cada instante, voltar ás folhagens. Depois, animados pelo arrulho que Camedeban imita com perfeição e pela tranquillidade da matta, o appetite aberto pela calma attitude dos chamarizes, estimulados por um dos companheiros que deixamos vôar no proprio interior da cabana, os pombos descem. Um momento depois, sóbem para de novo descerem. Fazem isso dez, vinte vezes. A descida ao sólo é ora diminuta, ora media, ora elevada. O mestre caçador é que decide segundo o capricho dessa caça, variavel como o tempo, da sorte, maior ou menor, de capturar em terra uma quantidade de mais ou menos numerosa. E, logo que Camedeban, em consciencia, acha que o numero de adversarios é sufficiente, que elle lançar o seu brado, empunha a amarra da rêde. Com uma voz apenas perceptivel, antes de soltar a rêde, ordena: — Preparem-se.

Dá essa ordem aos que visam, atravez das moitas, os pombos que não desceram.

E, segundos depois, ao mesmo tempo em que fecha a rêde, grita:

— Atirem!

As detonações repercutem. Todos se precipitam, uns para apanhar as peças que conseguiram abater, outros, para agarrar, sob as malhas, os prisioneiros, que fazem o barulho de um furacão. Cá e lá, entre os loureiros, penugens nevam.

Assim, de fins de setembro a meados de novembro, caçam-se, nos Landes, os pombos forasteiros que emigram para Hespanha e Marrocos.

DESENHOS DE LOUIS BAILLY

Conferencia Penal e Penitenciaria Brasileira

Domingo, no Automovel Club do Brasil, antes da sessão de abertura da Conferencia Penal e Penitenciaria Brasileira, presidida pelo senhor Vianna do Castello, Ministro de Estado da Justiça e Negocios Interiores, e com a presença de jurisconsultos, medicos, artistas, jornalistas. Em baixo: senhoras e senhoritas que compareceram á festa em homenagem ao Dr. Bastos Cruz, Secretario da Justiça e Segurança Publica do Estado de São Paulo, festa realizada na cidade de Avaré.

A Marechala da Elegancia

Por vezes estirado em pequenas distancias, outras enroscando-se pelo morro, o caminho que leva á Santa Thereza offerece curiosos aspectos da cidade do Rio de Janeiro. Casas construidas acima na escarpa da montanha e á frente panoramas sumptuosos. Cheiro forte de arvoredo, flores e passaros, Santa Thereza é o recanto do silencio e da aristocracia, mui proximo ao coração da cidade. Vivendas adoraveis, palacetes, o ar puro que se respira tres minutos depois da estação da carioca. Curvello. Ao aviso de conductor desço do bonde. Já me extasiára pela vista. Tenho, porém, de seguir á direita galgando-a até o palacete Murtinho, escondido pelas arvores que são muitas e enormes em quasi todo o elevado até a casa. E eu que me não apercebera do elevador, subo a escadaria. Um segundo para retomar o folego, e, um tanto emocionada, calco o botão da campainha. Faço-me annunciar por um cartão, e passo a admirar os moveis luxuosos de antiguidade e de riqueza da sala da entrada, onde tambem um santuario de carvalho se erige em linhas severas e brilha a prata massiça de uma Custodia. Dois ou tres minutos, e, mãos estendidas, bocca aberta num sorriso e um sorriso nos olhos amendoados, a senhora Laurinda Santos Lobo me recebe!

— Finalmente nos encontramos!

— Felizmente — responde já tocada pelo ar de bondade e de finura que emana desta mulher a cujas qualidades innumeras associou-se o prestigio de uma intelligencia viva e elegancia rara. Num vestido de interior de "georgette" estampado de folhas côr de vinho e morango maduro, os sapatos turcos, dourados, sobriamente enfeitada de joias, ella é sempre a graciosa das graciosas, e a sua cabelleira já polvilhada de prata ainda mais lhe realça a physionomia fresca.

— Vamos para a varanda. Ha mais claridade. Agradavel para conversar.

A varanda é um jardim d'inverno guarnecido de fôfos divans e macias poltronas, jarras de custo vultuoso, plantas, quadros e mais quadros...

— Não se espante dos quadros collocados naquella parede. E' que não tinha mais onde encaixal-os. Pra lá eu apenas havia pedido um de Gilberto Trompowsky. Mas a gente não se póde furtar a attender a um pedido, a obsequiar um artista — disse D. Laurinda accendendo um cigarro e offerecendo-me outro.

— Obrigada...

— Não fuma?

— Não... Falta de geito, talvez... — Respondi, balbuciante.

— Faz bem. E' mania que se não póde largar uma vez levada a sério...

Sorri, alliviada do receio de desagradar á marechala por não cultivar um habito elegantissimo. Viro-me para o jardim. Pelo vidro entreaberto se esgueira uma borboleta escura.

— Uma borboleta preta! E' supersticiosa? — indago emquanto D. Laurinda procura afugentar o bichinho.

— Não. Quero restituir-lhe a liberdade. Que mal poderia advir disso? Aqui as borboletas não são tantas como em Guahyra onde ellas volteiam á nossa roda, sem o menor susto.

— Por que Guahyra?

— Uma reminiscencia. E das mais felizes, nos primordios. E' o Brasil na fronteira com a Republica Argentina, a floresta espessa atravessada sem uma restea de luz, grunhido dos bichos e o canto dos passarinhos. Depois, de repente, a clareira para um soberbo panorama. O Iguassú nos saltos que se vê do lado de cá, do Brasil, e se inveja porque não é nosso. O Iguassú que se admira da Argentina e que é brasileiro, e bello, e grandioso — terminou a encantadora senhora com a physionomia inundada de luz e de orgulho.

— Quadros, pinturas differentes...

— Tambem colleciono futuristas. O proprio Trompowsky é futurista, mas um futurismo perfeitamente equilibrado. Venha ver a "Dama das Camelias".

Dona Laurinda no seu salão nobre

— Aquella "Veneza"... De Tarsila?

— Sim, de Tarsila a quem pedi que me explicasse, que me ensinasse a sua escola de pintura. E ella me disse que não poderia adiantar grande cousa, apenas que é preciso sentir para entender.

— E...

D. Laurinda dirigira-se a uma mesinha em que luzia o azul forte das chicaras de café. Offereceu-me uma, tomou de outra, e apontou-me uma esculptura interessantissima: um cão de fino talhe deitava a cabeça nas duas patas fronteiras, e o branco da estatua, de tão perfeita, tinha reflexos de vida como as folhas longas e abertas da

(Termina no fim da revista)

No Palacete Murtinho

Dona Laurinda Santos Lobo na sala azul e na varanda da sua casa linda.

Em baixo, á esquerda, sala de jantar e conversar.

Photographias de Lafayette

Concurso Internac

Senhorita Yolanda Pereira, que era Miss Pelotas e é Miss Rio Grande do Sul, com a commissão organizadora da festa em sua homenagem no Club Commercial da sua cidade.

Senhorita Yolanda Santos, Miss Pernambuco.

Festa ás misses riograndenses no Gremio Gaucho de Porto Alegre.

Norte e Sul

Senhoritas Nenita Argo, Yolanda Santos e Glauce Pinto, as mais votadas de Pernambuco.

Senhorita Alba Ferreira, que era Miss Fortaleza e é Miss Ceará.

acional de Belleza

Senhorita Herta Hermann, Miss Gravatahy.

Senhorita Coralia Bicca, Miss Alegrete.

Senhorita Aida Piaggio, Miss Uruguayana.

Do Rio Grande do Sul

Senhorita Elba Vaz de Oliveira,

Miss São Gabriel.

Senhorita Dóra Sudbrack, Miss Lageado.

Senhorita Alzira Torres, Miss Cachoeira.

Senhorita Elba Vaz de Oliveira, Miss São Gabriel.

Senhorita Odette Squef Miss Jaguarão.

Representantes da belleza gaucha durante a prova final realizada em Porto Alegre.

O PARADOXO ENTRE A VIDA E O TEMPERAMENTO DE MISS RIO GRANDE DO SUL

Graça, Intelligencia, Belleza. Nesse tryptico está Yolanda Pereira, a mesma Yolanda Pereira a quem um grupo de senhores sizudos como não devem ser os esthetas, resolveu confiar o sceptro da mais bella entre as mais bellas de seus pagos pampeiros.

Não quero, longe de mim tal idéa, fazer carga contra os juizes do Concurso. Pelo contrario, desejo com isto demonstrar que Yolanda Pereira é tão linda que chegou a fazer com que os sizudos juizes do Concurso tivessem o juizo de escolhel-a para "miss Rio Grande do Sul".

Vae, assim, essa menina (ella tem 19 annos) representar a mulher riograndense. E pelo que tenho ouvido em todos os cantos, todas as mulheres riograndenses estão orgulhosas de sua delegada.

Yolanda Pereira é uma creatura adoravel. Tudo que se deseje para critical-a não existe em sua figurinha admiravel e graciosamente bem talhada e bem posta. Em compensação, se se quizer buscar um predicado para um elogio, elles apparecem aos tantos que a gente fica tonta para distinguir uns dos outros, sem saber por onde começar.

O Rio Grande do Sul está muito bem representado no Concurso de Belleza, porque Yolanda Pereira é uma filha genuina, uma flor perfeita de suas savanas immensas. O seu proprio porte trae-lhe a origem gaucha. Ella tem nos olhos o semi-crepusculo das coxilhas, no talhe a exuberaça forte, na pelle a maciez subtil dos pecegos patricios e na alma, laivos energicos do minuano saudavel.

Tal é Yolanda Pereira, que um jury composto de senhores sizudos como não devem ser os esthetas, resolveu confiar o sceptro da mais bella entre as bellas de seus pagos pampeiros.

Como conheci Yolanda Pereira? Na recepção do pequenino cuter "Farroupilha", em cujo projecto de bojo, entregues ao sabor de uma vela synthetica, tres rapazes affrontaram uma tremenda tempestade de sete dias para homenageal-a como "miss Pelotas" e encontraram-na "Miss R. G. do Sul".

Aperto geral no cáes. Empurrões collectivos. Driblando a multidão consegui chegar-me a ella.

— Que horror, senhorita!

— Deixe estar...

A' noite lá estava eu no "hall" do Cidade Hotel, bancando o fan desconhecido no meio da turba de fans desconhecidos. Mas meu cartãozinho fôra parar ás suas mãos, porque tive mais sorte que meus companheiros de espera. Não fôra só isso. O Guido, o creador de sua personalidade como director do Concurso, chamára-lhe a attenção para o meu nome. Assim, consegui com que me recebesse. Mas, santo Deus, sahir de uma multidão para cahir noutra!

Attrahi Yolanda Pereira para um "maple" e metralhei-a com uma serie de perguntas.

Ella, com a graça infantil que se irradia de seu rostinho lindo como a propria sympathia, foi falando á medida de minha curiodade.

— Sou um paradoxo. Tenho uma vida completamente moderna e meu temperamento não passa de romantico. Em tudo adoro o romance. O lado romantico das coisas é o que me attrae. E se o realismo transparece, sempre procuro descobrir um resquiciozinho de romantismo para satisfazer a minha sensibilidade. Na literatura, na musica, no cinema, em todas as modalidades da vida subjectiva sou assim.

Yolanda Pereira tocára no ponto que desejava. Apesar da banalidade do assumpto, eu queria saber de suas preferencias artisticas.

— Senhorita, falou de sua adoração pelo romance. Diga então quaes seus autores predilectos. De literatura?

— Chateaubriand, Alencar, Casimiro de Abreu, todos aquelles que nos falam ao coração em prosa e verso. Isso não impede que leia e que goste dos novos, principalmente dos numerosos que formam o regionalismo nosso.

— De musica?

— Chopin, Schumann...

— Toca?

— Piano.

— E de cinema?

— John Gilbert e Greta Garbo, o par mais romantico da tela, sabe? E gosto muito do cinema brasileiro, tão novinho ainda, mas tão interessante e promissor!

— A "miss" disse-me que seu temperamento contrastava com sua maneira de viver. Já me falou de seu temperamento...

— Quer saber de minha vida, não é? Pois olhe, é bastante moderna. Sou uma enamorada dos sports. Sou uma "sportwoman". Gosto de dansar, de nadar, de guiar automovel, que mais quer? E' verdade que de dansas minha preferencia é da valsa, mas danso com prazer todas as outras.

— E tem opinião formada sobre moda? Que pensa dos vestidos compridos?

— Adoraveis. Aliás acho sempre adoravel cada nova moda. Ella, cada anno que passa, mais se aperfeiçoa e sempre com mais graça, mais leveza.

Yolanda disse-me tudo isso com uma meiguice muito propria do seu temperamento, que ella diz ser romantico. Mas, sobre o seu proprio romance, que estava ali pertinho, nada me quiz dizer. Limitou-se a olhal-o com uma grande ternura, como se a expressão desse olhar bastasse, como bastou, para responder a pergunta mais séria do meu questionario banal...

Miss Rio Grande do Sul com Miss Bagé e duas das senhoritas mais votadas em Pelotas, a bordo quando embarcou para Porto Alegre.

Bahia e Pernambuco

Senhora Almira Braga Teixeira, Miss Bahia, de braço com o deputado Moniz Sodré, director do "Diario da Bahia", no estadio da Graça, onde lhe foi offerecida uma linda festa.

Sete das mais votadas no Recife.

Senhorita Yolanda Santos, Miss Pernambuco.

Concurso Internacional de Belleza promovido e organizado pel' "A Noite'

As mais bonitas do Ceará

Senhorita
MAGNOLIA CAVALCANTE
2º logar em Fortaleza

Senhorita
MYRZA SILVEIRA
3º logar em Fortaleza

Senhorita
VIVI VASCONCELLOS
4º logar em Fortaleza

Senhorita MOSINHA FONTENELLE

Senhorita
LYGIA
MORAES

Senhorita
WANDA MENDES CARNEIRO
Miss Grania

Senhorita
BERENICE DE MORAES
6º logar
em
Fortaleza

Senhorita
LUCY
FELICIO

Um homem mediocre

EU ia lendo, no bonde de Ipanema, o famoso livro de Ingenieros — *El hombre mediocre*. Em certo momento, tive um sorriso sceptico — commentario silencioso ao excessivo optimismo com que o illustre escriptor encara a mediocridade.

— Não acredita nas palavras de Inginieros? — perguntou o meu vizinho da esquerda (Retrato: gordo, careca reluzente, bôa roupa, muitos brilhantes...)

Sorri novamente, sem responder. (Eu me julgo um rapaz de talento. Os meus amigos, quando me pedem dinheiro, sempre m'o affirmam. E um inimigo, certa vez, atacando-me pela imprensa, para mostrar isenção de animo atirou-me com esta: *"Coitado! Tão talentoso! Pena é que seja um libertino"*...)

O meu vizinho, comprehendendo que eu havia fechado esse parentheses mental, continuou:

— Pois eu sou um exemplo flagrante, positivo, da veracidade das theorias de Ingenieros...

— O senhor é...

— Sou um homem mediocre...

(Pela primeira vez, vi um homem confessar, com ufania, sorrindo, a sua propria mediocridade...)

— ...um homem mediocre victorioso. Rico. Feliz. Tenho uma existencia soberba. Não tenho a desgraça de arrastar um nome glorioso e uma vida de miserias. O senhor, que é um moço que escreve, deve saber que os genios geralmente morrem de fome...

— Mas Edison, Marconi...

— Exemplos raros, exemplos unicos, que em logar de derrubarem a affirmação, servem, como excepção, para confirmal-a...

(O homem mediocre principiava a enredar-me na teia da sua dialectica. Calei-me. Já li não sei onde que os homens de talento falam pouco...)

— Olhe: eu tenho dois irmãos sabios e celebres. Pobres miseraveis! Se eu não lhes désse o que comer, certamente morreriam de fome. Eu sou o Mecenas desses dois pobres sabios. Veja-o agora senhor como ha meios curiosos para se alcançar a fama: um descobriu um astro oito vezes maior do que o sol e o outro um microbio cujas proporções, infinitamente pequenas, causaram verdadeiro espanto nos circulos scientificos...

Veio o cobrador.

— Faz favor?

Como eu não tinha dinheiro trocado, o homem mediocre pagou a minha passagem, sorrindo superiormente, com um sorriso tão ostensivo, tão escandaloso, que parecia estar escarnecendo da minha inferioridade de homem de talento...

Numa boite elegante. A' esquerda, Mistinguett entre Sergio da Rocha Miranda e Victor de Carvalho, com Earl Leslie e Garat. A' direita, George Carpentier e Jeanne Aubert, vedette do Palace.

DE PARIS

Ladd e Olive celebres bailarinos americanos do Casino.

Earl Leslie com as Jackson's Girls na revista "Paris-Miss", do Casino.

"BAISSE un peu l'abat-jour, veux-tu? Nous serons mieux.
C'est dans l'ombre que les coeurs causent,
et l'on voit deaucoup mieux les yeux quand on voit un peu moins les choses."

Foi Géraldy quem o disse, em "Toi et moi", livro que enthusiasmou toda a gente e está num numero fantastico de edição.

Abat-jour! Verde, vermelho, laranja. Ouro, prata, rôxo, cerêja. Varias tonalidades. De seda, de papel, de linho, de marmore doce... Pequeno, grande, medio. No salão, no "hall", no quarto, no escriptorio. Nas lampadas que fingem vélas, sobre um jarro de porcellana, completando a haste elegante e comprida de uma columna. Num jarrão, sobre o chale de seda bordado a côres cobrindo o piano de cauda. Na mesinha em que se dispõe o cinzeiro, cigarros, livros, e junto ao divan ou perto da poltrona confortavel.

Abat-jour que distribue suavemente a luz pelo aposento, e, por traz das cortinas de renda parece o luar banhando o cume das arvores e se esgueirando pelos troncos, lambendo aqui e ali o chão coberto de relva, juncado de cipós e de folhas.

Luz de abat-jour que realça o brilho dos moveis

em bocados que se esbatem á medida que a claridade diminue.

Luz de abat-jour no livro que se lê ou que se não lê nas horas de quietação exterior.

Luz de abat-jour sobre os crystaes da mesa no momento das refeições.

Luz de abat-jour em todas as casas, nos interiores de gosto, de elegancia.

Luz de abat-jour, para os instantes de recolhimento, de solidão.

Luz que se casa ás mais fortes, distribuidas em fócos, grandes fócos

(Termina no fim do numero).

Inauguração da sala Zeferino de Oliveira na Assistencia Dentaria Infantil

Artistas brasileiros na Argentina

A arte é uma das fórmas mais efficazes na approximação dos povos. Por meio de bellas obras, elles aprendem a querer-se e admirar-se reciprocamente. Isso porque, desfazendo fronteiras, todos se irmanam numa esphera commum, pela affinidade dos sentidos e pelas semelhanças do gosto.

Um exemplo dessa adoravel cordialidade é a exposição que teve logar durante o mez de Maio, na Associacion de las Artes, em La Plata: Emilio Petoruti pintor argentino, que o Brasil conhece tão bem, reuniu a algumas de suas obras as producções de Da Veiga Guignard e Paulo Rossi, ambos brasileiros, embora os tres, sul-americanos de nascimento, vivessem tão largo tempo — o tempo predominante da sua formação artistica — em velhas cidades da Europa.

A figura do pintor platino exerce, sobre os que o conhecem, a força immediata de uma grande sympathia: é um espirito culto, illustrado, em muita cousa além de sua arte, e exercendo a profissão do jornalismo, a que empresta as caracteristicas indisfarçaveis de rica individualidade. Vendo as cousas sobre o prisma ultrarealista da decomposição, esforça-se por encontrar uma plastica pura, produzindo uma arte, que é eminentemente espiritual, e reflecte o talento imaginativo do poderoso artista. Nas vezes em que veiu ao Rio, fixou, em maravilhosas syntheses, aspectos da cidade, que apparecia a seus olhos bem illuminada, a se desdobrar em côres vivas. Esse creador de bellezas novas, além dos encantos de sua obra, ainda nos captiva levando para os salões de La Plata dois companheiros patricios, cheios de mocidade e idealismo, numa demonstração vigorosa do largo horizonte, em que se desenvolve a arte brasileira: Da Veiga Guignard, que se deixou em tão longas contemplações, deante da obra de Boticelli, é um simples, cheio de graça e bom gosto, sentindo e compondo com a suavidade de uma alma lyrica, a maneira de um moderno primitivista; Paulo Rossi é o artista profundo, pesquizador da materia, trabalhando pela verdade eterna, movido pelos mais sinceros ideaes, que hão de valer para sua obra a recompensa de uma justa admiração.

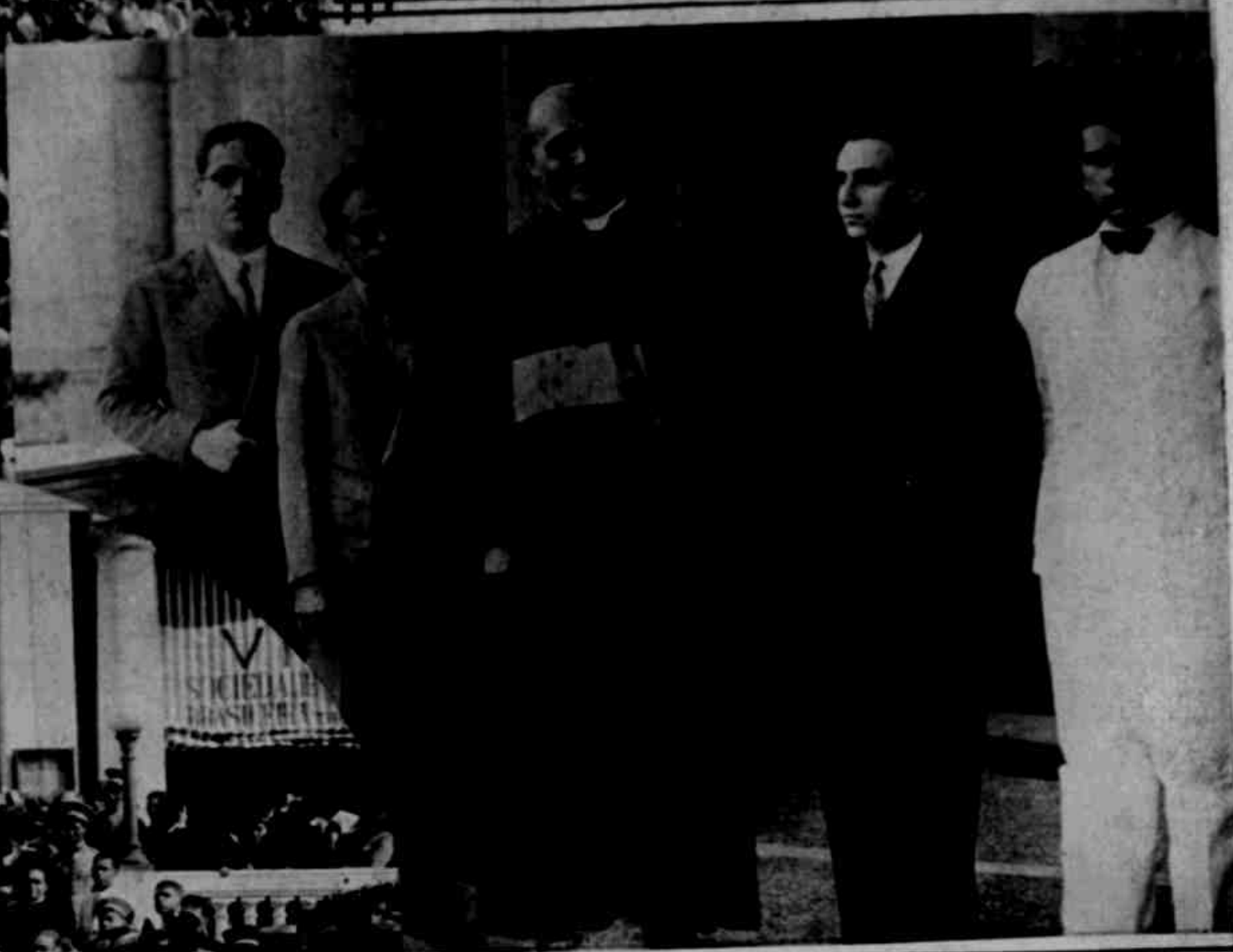
Esses os artistas brasileiros, que chegaram á Argentina com o passaporte amavel de Pettoruti.

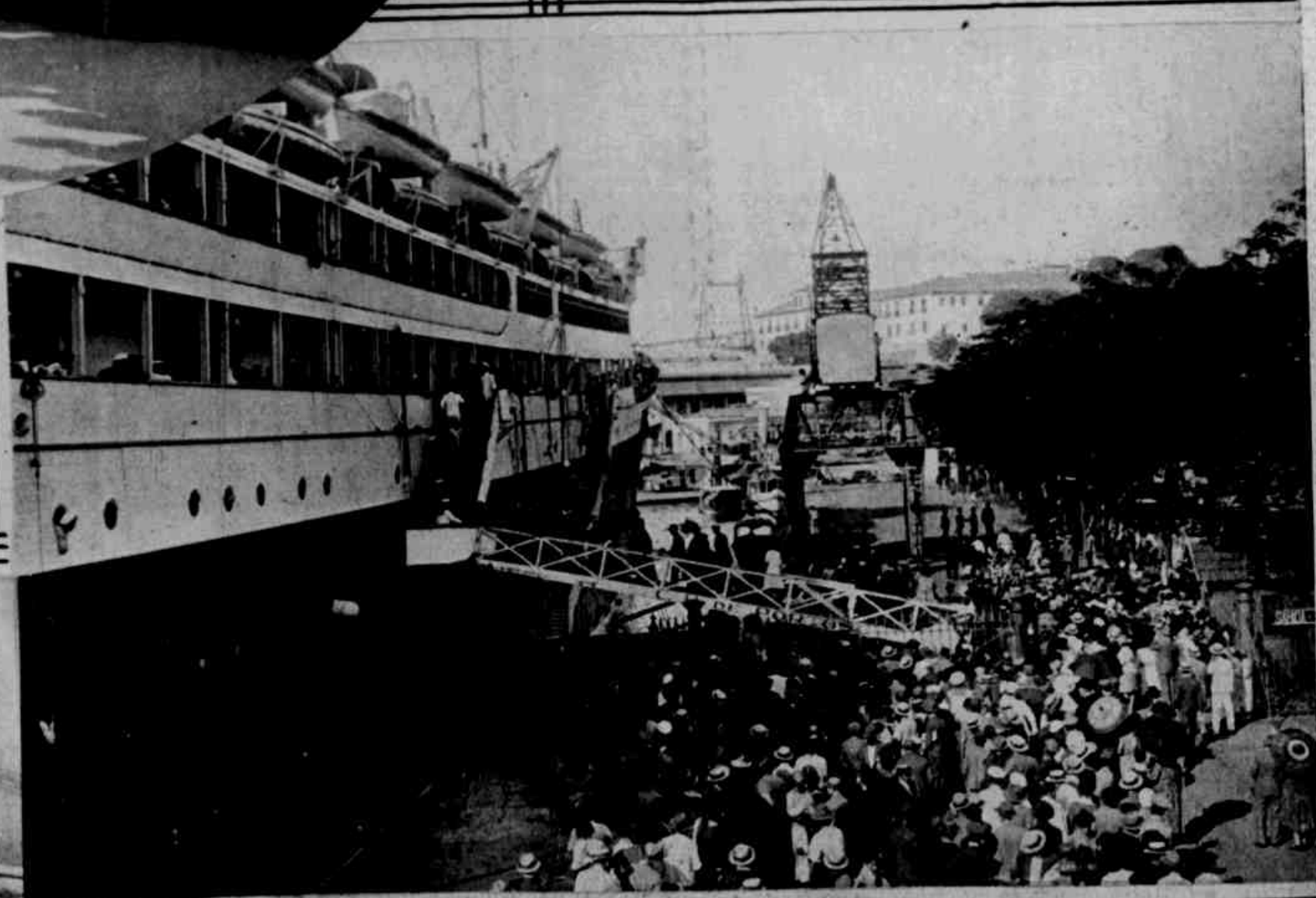
Celso Kelly

No Gabinete Portuguez de Leitura, quando foi commemorado o 350º anniversario da morte de Luiz de Camões

SESSÃO MAGNA E BAILE NO CLUB NAVAL

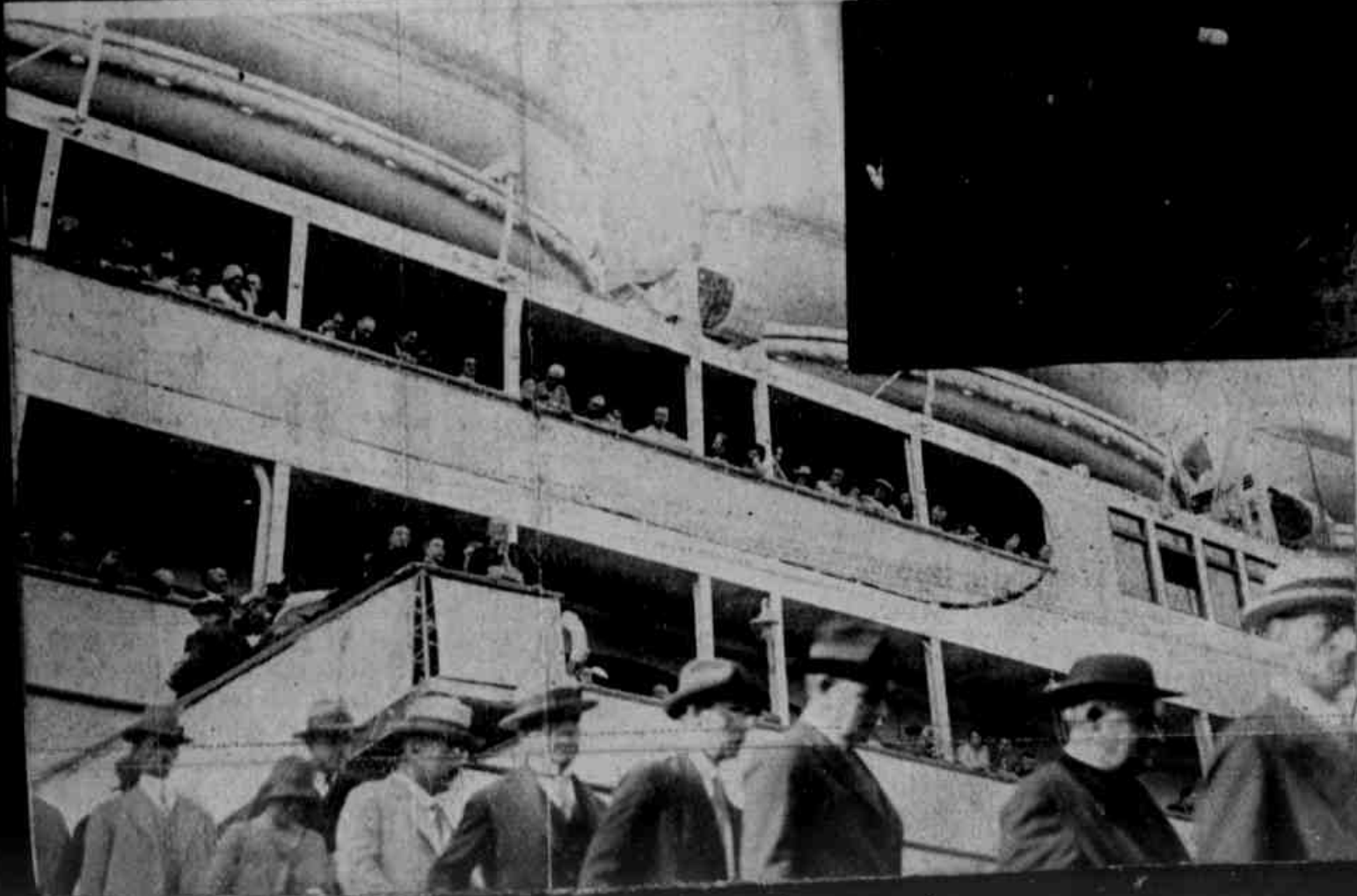
COMMEMORANDO A DATA DE 11 DE JUNHO

Dom Sebastião Leme

Sua Eminencia com a Commissão de Estudantes que foi levar-lhe cumprimentos.

...embarque do novo Cardeal Brasileiro mos...u quanto elle é querido pela população ...terra carioca. Desde a mais alta socieda...ao mais humilde povo, todos os habitan...da cidade de São Sebastião fizeram votos ...boa viagem ao Arcebispo do Rio de Janeiro.

Aspectos no cáes, junto da escada do "Duilio". No oval, Dom Sebastião Leme entre o representante do Presidente da Republica e o Presidente do Supremo Tribunal Federal.

OS MORTOS GOVERNAM

Por HERNANI de IRAJA'

Illustrações do AUTOR

DEABREU surgiu-me outra vez a semana passada num sonho.

A physionomia do literato paulista era decalcada na mascara da angustia.

Mas as vezes procurava illudir com o tracejar de um levissimo sorriso.

Sob o braço esquerdo elle tinha um livro antigo, a deduzir pela encadernação sovada e exotica e pela exquisita e gasta lombada de nervuras em relevo doirado.

Antes que eu lhe perguntasse do livro, abriu-o e leu, pondo-me a mão esquerda no hombro direito.

O frio daquella mão gelou-me fundo, e eu o senti até aos ossos.

A vóz do meu amigo era sepulchral:

"— Os mortos querem ver as creaturas que amaram; andam em torno dellas, cautelosos, para que seus corpos immateriaes, cheios de morte, não toquem os corpos amados, materiaes, cheios de vida. Desprendem frio como uma rajada de noite invernosa. São ellas, as creaturas amadas, que nos gelam as costas, parecendo que nos puxam, quando atravessamos um corredor ou caminho deserto, sem muita treva e sem muita luz. Quando alguem estremece a nosso lado, mordido por um arrepio violento, diz a palavra do Circulo Preto, ó discipulo, porque foi a MORTE que passou..."

O dedo do meu querido amigo apontava as palavras que lia e eu o notei branco-cêra com a unha azulada.

Neste instante bateram ao de leve mas bem rythmadas tres pancadas na porta da entrada...

Deabreu ficou marcando a ultima palavra lida com o dedo livido; voltou a cabeça para o fundo da sala, depois já não era mais elle... Um moço loiro e claro virou-se para mim com o gesto de silencio e disse-me tão baixinho que mais adivinhei do que ouvi:

— Não digas nada... não perguntes — quem é?

E' a MORTE.

* * *

Quando a tarde me lembrei desse sonho pensei no Deabreu de quem não tenho noticias desde que publicou o seu imaginoso livro *"A casa do pavor"*. Por onde andaria o meu sensibilissimo escriptor?

Na manhã seguinte, entre a correspondencia que o carteiro trouxéra, vi um enveloppe tarjado.

Deixei para abril-o em ultimo lugar.

A carta, coincidencia, era do Deabreu.

Após narrar-me sua vida dos ultimos tempos a largos traços, contava-me que de regresso de viagem demoradas, estava outra vez residindo em São Paulo. Finalizava a carta assim:

"— Has de perguntar *porquê* estou empregando para te escrever, papel tarjado.

E' o seguinte: Meu tio, de quem te falei, por vezes, sumiu-se. Ninguem o achou, e ha seis mezes as diligencias policiaes, particulares e de familia cessaram na desesperança de o encontrar.

Presumimos que a sua neurasthenia antiga o tivesse levado ao suicidio. Mas de que meio lançára elle mão para se eliminar? onde estaria o seu corpo desapparecido?

Conclui pela sua morte, pois além disso os meus presentimentos nunca falharam. Sou o unico d afamilia que está de luto.

Agora houve, tu que gostas dos mysterios.

José, o velho creado de meu tio, sabe mais alguma cousa do que nós.

A's vezes fala sózinho, gesticula e apresenta-se completamente diverso na sua maneira de ser e agir, desde que se deu pela falta do meu tio.

E eu que tinha resolvido tirar de José algum esclarecimento, uma noite fui ao seu quarto munido de bom vinho, escorado no *"in vinun veritas"*.

Para começar procurei assumptos os mais variados, e fil-o beber de sahida dois copos do "licôr bacchico".

José perturbado pelo alcool, entretanto, falava pouco. Resolvi entrar subtilmente no assumpto.

— Você tem saudades do meu tio? José.

— Muita...

— E que acha... pensa que tenha morrido?

— E' provavel...

— Quando o viu pela ultima vez?

O velho creado levantou-se de um salto e olhou me apavorado bem nos olhos:

— Menino, para que quer saber cousas medonhas?

— Como?

E elle com o rosto bem junto do meu:

— Bati tres vezes na porta... O patrão não respondeu nem deu signal de vida... esperei um pouco, e quando ia bater pela segundo vez, a porta escancarou-se sózinha!

O quarto estava completamente vasio, mas...

— Mas?

— Não; não vi nada; não vi mais nada... Tive uma tontura e não me lembro do que se passou depois...

E não houve meio de dizer mais alguma cousa e eu sahi resolvido a esperar, pensando na maneira de obrigal-o a contar tudo o que sabia, o que tinha visto naquelle quarto."

Acabava a carta Deabreu annunciando-me o seu proximo livro *"Pendulo do peccado"*.

* * *

Tive um chamado á noite. Vieram buscar-me para ver um rapaz que tinha *enlouquecido* de repente. Estava meio triste desde alguns dias e agora estava num accesso de loucura furiosa. Desejavam ouvir-me antes de internal-o na *casa dos perdidos* — como appelidaram os manicomios.

— Não se acreditará que o meu Arthur seja este de agora que o Sr. vae ver — dizia-me o velho ao meu lado no automovel. Imagine o doutor que hontem quasi se jogou da sacada abaixo! Era morte certa, tres andares... Da rua eu o vi horrorosamente desfigurado... medonho! Todo retorcido com as mãos a arranhar o rosto e fixando um ponto no espaço como se estivesse a ver algum quadro terrivel.

Elle, soccorrido, se diz chamar José, ser creado particular do Sr. F. S. e mais, affirma que o seu patrão está morto e que a sua morte foi causada por suicidio.

O facto interessava deveras.

Havia grande ligação entre as *coincidencias:* o meu sonho, a carta e o chamado com a descripção daquelle delirio.

Ao penetrarmos na casa do doente vimol-o, com estupefacção dos que me acompanhavam, calmo, sentado á mesa tomando uma chicara de café.

— Estás melhor, meu filho? — perguntou o velho.

Ao que elle respondeu levantando-se:

— Estou bom!

Approximei-me. O moço que reconheci ser o loiro que substituira Deabreu no meu sonho perguntou quem eu era e, quando lhe respondemos, sorriu e disse um tanto triste...

— Não era preciso...

Então arrisquei uma pergunta:

— Lembra-se de tudo o que se passou com o senhor?

— Sim, lembro-me.

— E era capaz de dizer-nos como e onde se deu o suicidio a que se referiu?

— Sim; o suicidio do Sr. F. S. teve logar em São Paulo no quarto de vestir do morto. Elle retirára dali todos os moveis e demais objectos... Atacado de uma fortissima crise de neurasthenia, arrebentou a cabeça nas paredes do quarto.

O moço estava calmo, examinei-o detidamente e nada de anormal me pareceu encontrar.

(Termina no fim do numero).

BRANCO?

— Talvez... Não, o preto. Este mesmo. Mussellina de seda e velludo musselina. Os sapatos de "moire"... Os de alça. Meias rosa chá. Bem. A combinação? De renda rosa e saia de setim preto. Fica bonita na transparencia da musselina. Colar... Perolas e crystal rosa. Porque o chapéo de pelucia preta tem ao lado duas rosas de tal côr. Luvas... "Renard"... Mas não achas que o dia está claro demais para que me vista de preto? E eu um tanto abatida para trajar de escuro? Um momento... Combinação de crêpe setim "beije", meias "beije"... O vestido? "Ensemble"? Não, apenas o "robe manteau", este de capinha... O de crêpe setim feito pelo avesso e góla de péle. Certo. Muito cruzado á frente, magnifico. Num minimo de segundo estou prompta. Ah! esquecia-me de trocar o colar. Este, este mesmo de pedras gêma de ovo e argolas de metal dourado. Luvas e bolsa como os sapatos... Mais um pouco de perfume... Petalas esmagadas... Cheira bem... Um sonho...

E a rua estonteante de luz, povoada de moças lindas. Todas elegantes. No inverno as mulheres são mais bonitas nos vestidos que lhes cobrem, braços, espaduas, e, agora mais compridos quatro dedos. Panno sobre o corpo, modelando-o como se estivesse nu'. Realmente, mudam-se os habitos, velam-se nudezas, mas a fazenda serve para mostrar e valorizar o que a falta de fazenda torna flagrante e banaliza...

Não é tarde de recepção, de "tea" ou de "cocktail" pelas embaixadas ou nos salões da nossa aristocratica sociedade. Porque o pessoal da "haute" está pela cidade, tomando chá na Colombo ou no Paschoal e "cocktail"...

— Muy bién...

Viro-me. As palavras estrangeiras vêm de voz doce. E' Izabel de Maurtua, vestida de preto — modelo Lebouvier

— com Marieta Medeiros, de crêpe estampado. Passam contentes, dizendo pequenas e innumeras coisas amaveis e sorriem á troca de impressões. Cruzando rua Sete, num auto que não parou porque o signal era verde, Gabriella Bezansoni Lage. Notei que ia de preto e de boina de velludo. Lelia Teixeira de Barros, de verde. Heloisa Lins, de azul "lavande".

De branco marfim velho, chapéo e "renard" escuros, a elegante Helena Mariano Procopio. De vermelho e crê-

me, Marina Padua ri e riem seu grandes olhos luminosos num grupo de meninas elegantes. Carmen Cinira, graciosa, para á vitrina de uma livraria. Havia profusão de livros de versos... De preto, luto, mas elegante, a senhora José de Azurém Furtado. No asphalto desliza um automovel para o qual pedrestes enviam amaveis saudações: é Laurinda Santos Lobo. Nair Milanez exhibe um bello vestido de Paris, donde recentemente chegou. Di Cavalcanti commenta numa roda de amigos os destinos do theatro S. Pedro. A um canto Horacio Cartier espia o movimento. **Passa Mattos Pimenta. E eu me lembro de** que ainda não lhe

agradeci, muito agradecida, as "Considerações sobre a estabilização do mil réis". Regina Maura, Lais Vieira, Lazinha Luiz Carlos. Maria Leonarda de Almeida, de "tailleur" preto, não dá socego ao "lorgnon". As senhoritas Lafayette Stockler, brancas e de vestidos bem feitos. Em reputada loja de fazendas muita moça elegante e bonita. E percebi que o problema da [illegible]idez de côres está revolucionando meio mundo. Por ora... Olegario Mariano, Humberto de Campos, Gustavo Barroso... Parece que os anti-feministas da Academia de Letras, estavam todos apreciando femininas beldades. Graf Zeppelin, Mermoz, a via-

gem de Julio Prestes, corridas do Jockey. Na terra, no mar, perto do céo... Já se foram uns e outras. Umas e outros voltarão. Para agitar a cidade. E dar assumpto á gente.

Chapéos: da Leblon

Rendas e pelles: da Casa Machado.

Cabelleiro excellente: A. Fadigas.

Photographias: de Lafayette — Sete de Setembro 98-2° andar.

—oOo—

Figurinos de hoje: Vestidos de rua e de visita. Tambem: vestidos de noite. Estamparia em taffetás, grandes flores nos tons de pastel; um "robe studio" de musselina "lamée".

—oOo—

Tecidos de acabamento perfeito e côr absolutamente fixa: Indanthren.

SORCIÈRE.

O RONCADOR

ESCRIPTO DE
PIERRE MILLE
DESENHOS DE
CH. GENTY

No hotel onde me encontro, occupo um quarto ao lado de um honrado cidadão que ronca de maneira extraordinaria. Não sei si vocês pódem dormir perto de um roncador; eu confesso que isso me é completamente impossivel. Os roncadores põem no exercicio dessa enfermidade, uma fantasia, uma arte, uma variedade que me interessam embora me impacientem. Ha os que tocam trombetas de caça: são os baixos e os barytonos de corporação. Outros, dão vontade de jurar que têm uma flauta no nariz: são os tenores. Outros, fazem pequenas modulações tão engraçadas que, ao mesmo tempo, em que se têm impetos de mandal-os ao diabo, não se póde deixar de rir. Mas eu não gosto de passar a noite rindo. Não vou me deitar para rir.

Outros, são lugubres; dão impressão de estertores, de agonia, imagina-se que entregam a alma. O meu visinho pertence a essa categoria tragica e, ouso dizer, é uma das amostras mais notaveis. Já passei — junto da divisão muito fragil, atraz da qual elle, com excellente saude, solta gemidos que fariam chorar as hyenas — cinco noites que devem ser contadas entre as mais atrozes da minha existencia.

Como era natural, queixei-me ao gerente. Elle me respondeu tranquillamente:

— Bem. Assim que vagar outro quarto, immediatamente lhe avisaremos. Por emquanto a casa está cheia.

Eu esperava essa resposta. Tenho certeza de que a casa não está mais cheia do que o meu bolso, mas, o gerente pensou:

— Preciso botar alguem junto do roncador. Portanto, antes este que outro: parece ser um bom rapaz.

Toda a minha vida será preciso que eu padeça porque pareço ser um bom rapaz!

Fiz tudo que a experiencia accumulada ha seculos ensina que se deve fazer para impedir os roncadores de roncar. Por exemplo, assobiei. Primeiro, assobiei com a bocca. Em seguida, com a chave

Depois, com um apito aperfeiçoado, que me custou tres francos. Esse apito é excellente. Desde que comecei a me servir delle, de todos os quartos do hotel, entoaram um concerto de protestos:

— Que animal! Quem é o estupido? Quem é o insolente que assobia?

Eis o que eu ouvi e, de manhã, todos me olhavam de esguelha. Apenas o roncador continuava a roncar. Supponho que, á força de roncar, se acostumou com todos os barulhos. Mas veio-me uma idéa que qualifiquei de genial. Pela meia noite do outro dia, quando o insupportavel dorminhoco começou o concerto habitual, levantei-me e fui bater furiosamente na porta do quarto delle. Tão furiosamente que elle despertou e gritou com essa voz dolorosa das pessoas atacadas em pleno somno:

— Hein? Que ha?

Então, imitando a fala differente mais firme de um empregado que cumpre ordens, eu disse:

— Meu senhor, são seis horas da manhã e o senhor me recommendou accordal-o a esta hora.

E tratei de fazer a manobra que nos regimentos se chama *la consigue en cas d'alerte*, o que quer dizer: esquivar-se rapidamente.

Voltando ao quarto, tive, durante alguns instantes, a immensa satisfação de ouvir o meu perseguidor involuntario esbravejar de maneira que bem podia comprometter irremediavelmente a sua salvação eterna e tomar por testemunha a mesa de cabeceira, como nunca, nunca disséra áquelle idiota de criado para chamal-o ás seis horas. De resto, não eram seis horas e sim, meia-noite. Que se tratava de uma blague imbecil! Eu estava contentissimo com o plano; mas, decididamente, o meu vizinho tem o somno facil. Cinco minutos depois, recomeçava a musica com novas variações.

Creio que não tenho nada a fazer. Em todo o caso si conhecerem um meio, o unico, o verdadeiro meio de impedir os roncadores de roncar, serão muito amaveis si me ensinarem.

Arcebispo D. Sebastião Leme

Nuncio D. Aloisi Masela

S. E. o Cardeal Arcoverde

Bispo D. Alberto

Bispo D. Benedicto

As homenagens do Brasil ao Cardeal Arcoverde

A "Illustração Brasileira" consagra o seu numero de Maio, á venda, á memoria do saudoso Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Toda a vida do eminente pre'ado, da infancia á morte, encontra-se documentada com as mais preciosas photographias e com a biographia feita pelas figuras mais eminentes do Clero e das letras patricias.

Monsenhor Aloisi Masela, Nuncio Apostolico; D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro; Monsenhor Egidio Lari, auditor da Nunciatura; D. Benedicto Paulo Alves de Souza, Bispo do Espirito Santo; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto; D. Henrique Mourão, Bispo de Campos; Conde de Affonso Celso; Professor Dr. Leão de Aquino; Dr. Max Fleiuss; Monsenhor Gonçalves de Rezende; Monsenhor Costa Rego; Conego Mac Dowell; Padre Dr. Henrique de Magalhães; Padre Antonio Carmello; Mons. Dr. Felicio Magaldi; Padre Armando Guerrazi; Dr. Annibal Freire; Dr. Gilberto Amado; Dr. José Maria Bello; Professor Eustorgio Wanderley; Dr. João de Minas e Dr. Pinto Filho, além de outros, assignam brilhantes artigos sobre a personalidade do Primeiro Cardeal da America Latina, D. Joaquim Arcoverde.

A edição da "Illustração Brasileira" dedicada ao Cardeal Arcoverde, constitue preciosa obra que deve ser lida pelos catholicos e figurar na estante de todos os sacerdotes. A Empresa Editora da "Illustração Brasileira" esmerou-se na confecção desse numero, que se encontra á venda em todos os pontos de jornaes do Brasil, ao preço de 5$000. Para attender, no emtanto, á procura que certamente terá essa edição da "Illustração Brasileira", a Empresa Editora reservou alguns exemplares para os leitores do interior do Brasil onde, por acaso, não exista agencia de jornaes. Estes leitores poderão fazer seus pedidos, acompanhados da importancia de 5$500, para a Empresa Editora da "Illustração Brasileira" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Bispo D. Mourão

Conde Affonso Celso

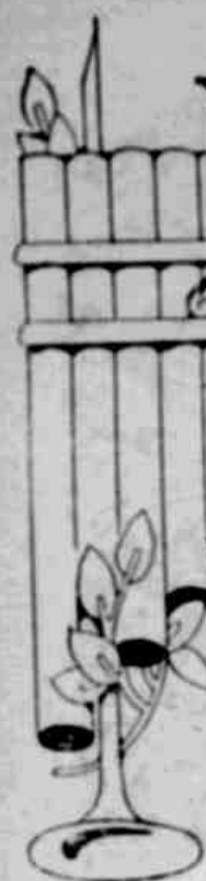
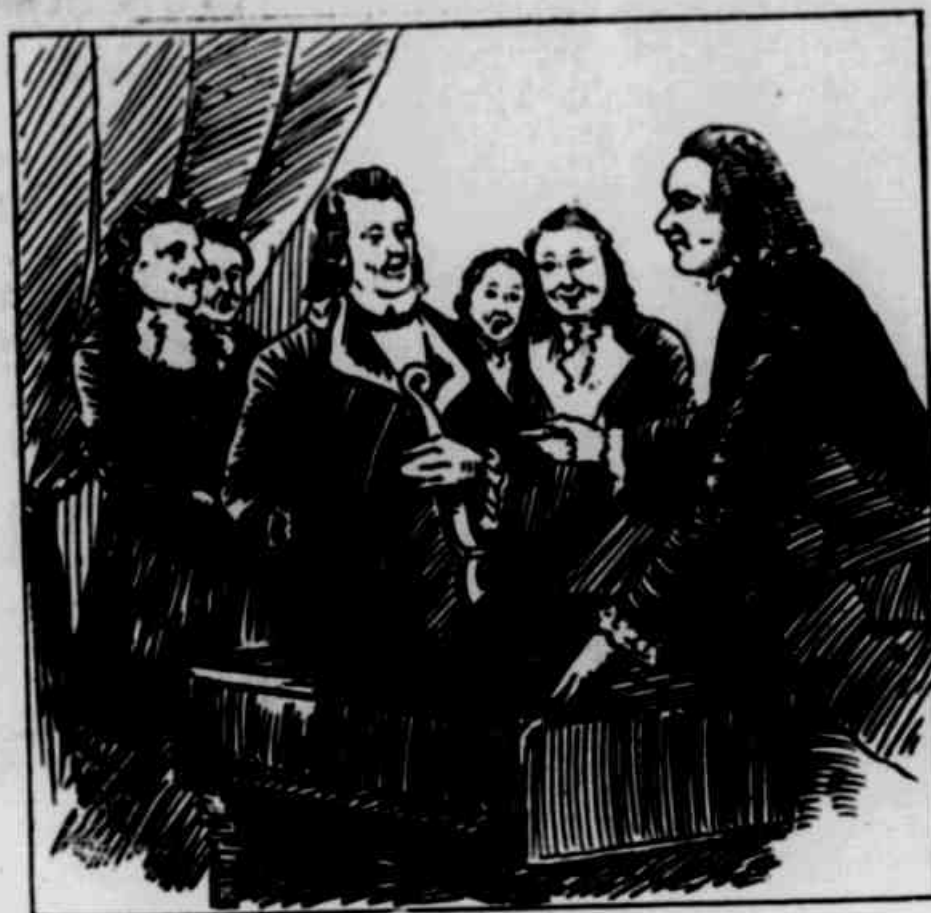
Dr. Max Fleiuss

Monsenhor Lari

Dr. Leão de Aquino

Monsenhor Rezende

Padre Dr. Antonio Carmello — Monsenhor Dr. Felicio Magaldi — Monsenhor Costa Rego — Padre Dr. Henrique Magalhães — Conego Dr. Mac-Dowell — Padre Armando Guerrazi

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

HENDEL

Aos 19 annos de idade, Hendel tocou como segundo vio'ino na orchestra da Opera de Hamburgo. Elle tinha uma maneira de fazer as pessoas mais graves rirem, sem que e'le risse. Chamado de repente para tocar clavecim, surprehendeu toda a gente com sua habilidade.

Em 1703, offereceram a Hendel uma excellente pos'ção como organista em Lubeck, contanto que e'le casasse com a filha, sem attractivos, do organista que deixava o logar. Recusou. Hendel era independente e queria a sua independencia a todo o transe. Nunca se casou.

De 1706 a 1719, foram os annos mais alegres da bohemia de Hendel. Em Roma, por occasião do Nata', elle ouvia cantores calabrezes celebrando o nascimento de Christo com flautas. E'le usou a musica popular desta maneira, na Symphonia Pastoral do "Messias".

Hendel deleitou George I, da Inglaterra, seguindo o rei e a sua côrte sobre o Tamisa, de noite, em uma embarcação, com uma orchestra de instrumentos de corda e sopro. Tocou então a sua famosa "Musica sobre a agua", tendo desde então recebido até o fim de sua vida uma pensão do rei.

Continúa no proximo numero.

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a diatação dos póros cutaneos do rosto, são mo'estias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e un'co procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tab'ete de stymol, que, ao se dissolver, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros saem da cutis para desapparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmac'as, a pe'le fica lisa, macia e fresca, sem exper'mentar damno algum. Repet'ndo algumas vezes este tratamento, com interval'os de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a l'mpeza total do rosto, dando a este embellezamento um caracter permanente e definitivo.

Os Mortos Governam

(FIM)

Neste mesmo dia escrevi a Deabreu narrando-lhe todos os acontecimentos.

Cinco dias depois recebi outra carta de São Paulo. Nel'a Deabreu me expl'cava como José confessára o mysterio.

Est'mando profundamente ao seu t'o, o velho creado quando deu com o quadro tetrico procurou occultar o cadaver, para evitar á memoria do seu nome e aos parentes aquel'e aspecto duplamente triste.

O suicid'o e o esphacelamento do craneo.

Então escondeu-o com a maxima habilidade para enterral-o de noite, como o consegu'u, bem no centro de um cipoal existente nos mattos da quinta.

A policia tentou encontrar vest'gios de culpab'lidade no José, mas em breve viu que não só os antecedentes do serviçal eram optimos, como concluiu pela sua innocencia que se exteriorisou ahi num verdadeiro fanatismo pe'o meu tio, a quem quiz poupar a u'tima vergonha...

Interessante no caso é, pr'ncipalmente, o "transfert" da personalidade — (atrazada de alguns dias) — do creado sobre o moço que viu, como me disse depois o cadaver desfigurado chamando-o, ordenando-lhe que se atirasse da sacada "aos seus braços" na rua.

Deabreu tornou a escrever-me hontem. Desta vez foi um simples cartão. Noticiava-me então que no seu proximo livro seria inclusa a historia do suicidio do seu tio, sob o titulo "Os mortos governam".

E eu hoje mandei-lhe o final para a sua narrativa:

Foi encontrado esta madrugada defronte a casa em que morava o moço para quem me haviam chamado. Transportado para o inter'or veiu logo a fallecer. O infeliz além do "shoc" apresentava fracturas multiplas, inc'uindo ahi a mortifera "da base do craneo". Elle se tinha jogado á rua do terceiro andar.

HERNANI DE IRAJA'

Os sinos de Reims

(FIM)

elle os fizesse tocar num convite ás ove'has esmorecidas ? Era uma idéa. Med'ndo bem a altura de seu dever, elle foi para cima do templo, galgou as arcaturas coroadas de ameias e crivadas de ba'as. Dahi ha pouco, attrahidos pelo som dos bronzes augustos, mais alto e eloquente que a saraivada dos inimigos, os parochianos acorriam ao templo e paravam em redor, admirando a figura do santo e do heróe no seu posto sagrado. E todos penetraram no grande asylo, contag'ando-se na fé espa'hada por aquelle gu'a, a cujos pés se desfaziam estilhaços. Assim, quando os al'emães lograram tomar a gloriosa c'dade, já encontraram o guard'ão da cathedral repartindo com toda a gente a coragem do seu exemplo, como se ali estivesse a serviço da advertenc'a que lhe cahira aos pés na capella do a'tar-mór e cumprisse um mandato recebido de Deus na lição do crucif'xo partido.

Abat-Jour

(FIM)

que flammejam dos v'dros claros nas noites de festa.

Luz de "abat-jour" para as conversas de canto de sala.

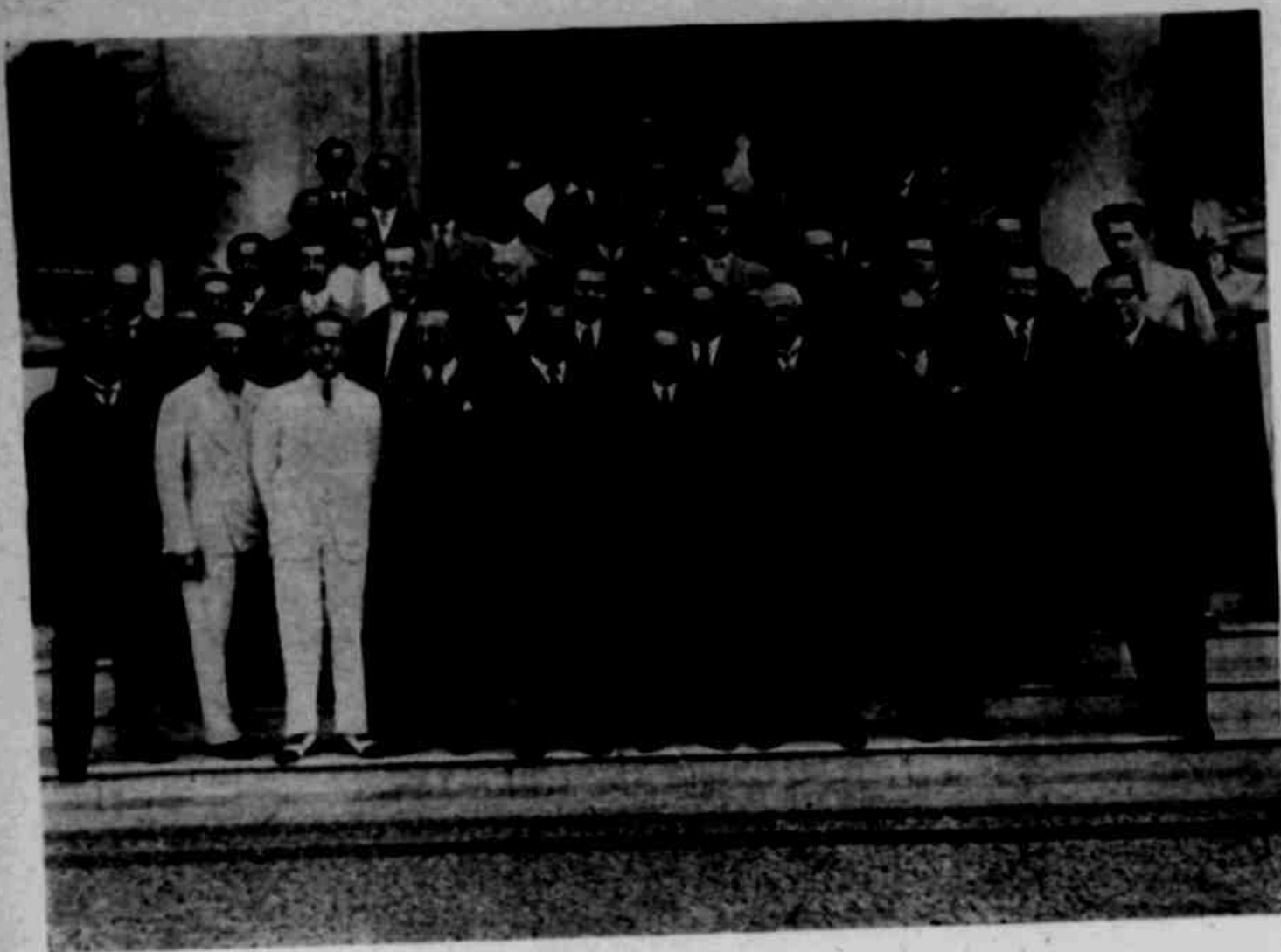
Na Urca, em Copacabana, no Flamengo, nas Laranjeiras ou na Gavea, "abat-jour" nos "bungalows", nos predios coloniaes, nos de estylo rigoroso, nos que não têm estylo.

Luz sob o colorido vivo do "abat-jour" atravez de vitraes e de fi'ós dansando sobre os objectos, pondo uns em destaque, ensombrando outors, dando á visão o prazer de quadros que se repetem a cada passo nas casas guarnecidas de héra e de flores, dentro de grandes jardins, de pequenos, ou á beira do caminho.

Luz de "abat-jour" como ornamentação primorosa.

Luz de "abat-jour" para horas de leitura e de trabalho.

Luz fraca, esmaecida...

"et l'on voit beaucoup mieux les yeux quand on voit un peu mo'ns les choses."

Grupo tomado antes do almoço do "Beira-Mar Casino", em homenagem ao Deputado Mozart Lago, visto nesta photographia, entre o embaixador Raul Fernandes e o Dr. Sampaio Corrêa.

Instituto "Amaury de Medeiros"

Pessoas que assistiram á inauguração da nova clinica medica, urologica e gynecolonica "Amaury de Medeiros", na rua São José, 67-3°, dirigida pelos Drs. Stepheson de Faria e Caramuru de Medeiros. Vê-se entre os presentes, sentado ao lado do sacerdote que deu a benção catholica ao novo instituto, o deputado Bionor de Medeiros, pae do saudoso hygienista que dá o nome á casa.

A MARECHALA DA ELEGANCIA

(FIM)

samambaia que se derreava toda numa columna de madeira, trabalhada.

— Gosta ?

— Lindo.

— Um "chef d'œuvre", sabe ? — continuou D. Laurinda.

— E'...

— E' mesmo — repetiu ella entre séria e risonha. — E de Sandoz que me escreveu quando lhe escolhi o trabalho: "Madame, je felicite l'heureux acheteur de se chef d'œuvre".

— Elle ? !

— Elle.

Pedi-lhe que me mostrasse as outras salas. De maravilha em maravilha, de lindeza em lindeza, de obras de arte a obras de arte, não se sabe mais que admirar no palacete Murtinho, se a sumptuosidade dos objectos, se a distribuição feliz, o gosto requintado da dona da casa. Tapetes de valia, cortinas primorosas como as do salão azul, bordadas a seda em longos ramos de crysanthemos, e authenticas japonezas. Na sala azul, a um canto, uma escrivaninha escura marchetada de madreperola, e que, por um jogo de gavetas e de tampas, é penteadeira, é mesa de costura, é tambem jogo de damas... Por toda a parte retratos de D. Laurinda. Uns de artistas estrangeiros, como um trabalho magnifico de Girardet, outros de brasileiros realçando pela flagrante semelhança o feito por Sylvia Meyer. Outros, ainda outros... Na sala de jantar, que é uma peça muito grande, um canto para fumantes, largos sofás, uma galeria de quadros bellissimos: grandes, de grandes pintores, pequenos, de pintores consagrados. Um delles merece o qualificativo de soberbo e é de Pereira da Silva. Fronteiro á mesa de jantar, genero moderno, frisante de nitidez: perús brancos, de Scevola.

No salão nobre, candidamente núa, inteiramente núa, discreta e formosa, uma formosa mulher numa tela de Desportes.

Tres bonecas lindas e bem vestidas recostavam-se numa almofada aos pés dourados de dourado consólo.

Sublime. Os aposentos particulares de D. Laurinda são principescos, porque a ella pertencem, e tambem já serviram aos reis belgas, a quem ella gentilmente cedera quando da estadia delles no palacio Guanabara. Um canto que ella arranjára aqui; o vão de uma escada aproveitado artisticamente ali. Tudo a realçar.

Caricaturas. Uma dellas : a frisa da marechala, a "foule" que se premia para beijar-lhe a mão.

D. Laurinda, que divisa tão grande panorama, ainda adquirira mais um terreno vizinho para estender a visão.

— Uma fada boa — disse-me ella — tocou-me: terás lindas cousas, cuidarás dellas com muita dedicação. A tua casa será um encanto. E a má: andará constantemente em obras...

As obras dão que fazer porque D. Laurinda nem admitte que se maltrate um galho de arvore.

Tornámos a descer. Dirigimo-nos á varanda da direita. Olho o céo. Por que ? Pelo dominio da casa sobre a cidade. A bahia de Guanabara beija além, longe, lá em baixo, o cáes da Gloria, Botafogo, o Pão de Assucar, e se afasta, e se espreguiça, e some até se confundir com o horizonte. Morros vistos de longe e do alto, diminuem de tamanho como o casario que se agacha junto dos arranhacéos que pontuam daqui e dali. Da esquerda, outra parte da cidade: o Castello esbatido pela concepção do progresso, o Cáes do Porto, o Ancoradouro... De lado a lado, de aberto em aberto, a clareira deslumbrante da cidade carioca, espantosa de belleza natural, circumdando a deslumbrante morada da rainha da graça e da elegancia da capital dá Republica.

ALBA DE MELLO

O eterno pobIema da conservação da belleza

ALGUMAS PALAVRAS COM O DR. PIRES REBELLO SOBRE OS MODERNOS METHODOS ESTHETICOS

Um dos salões para exame e tratamento da pelle (manchas, espinhas, cravos, póros abertos, rugas); applicação de massagens manuaes e electricas.

Apparelhos de diathermia, raios ultra-violetas e infra-vermelhos empregados para os cuidados da esthetica.

O interessante e sempre opportuno problema do embellezamento tem preoccupado todo mundo. Sempre que alguem tenta resolvel-o, para elle, immediatamente, voltam-se os olhares de todos. E' o facto que agora se nota em torno da inauguração da clinica de belleza do Dr. Pires Rebello, recem-chegado da Europa onde, pelo espaço de dois annos, se dedicou ás questões de esthetica.

Nome muito conhecido nos meios scientificos, o Dr. Pires Rebello applicará no Rio, os methodos que aprendeu no Velho Mundo, e que é o primeiro no nosso paiz a realizal-o.

Por essas razões fomos visital-o em sua clinica, desejosos de informar aos leitores, algo sobre que seja uma clinica de plastica.

O Dr. Pires Rebello teve a gentileza de mostrar-nos as installações que seu instituto possue, inclusive as salas destinadas aos tratamentos physiotherapicos, doenças do couro cabelludo, rugas, seios, obesidade, manchas da pelle, etc.

Em relação aos agentes physicos mais empregados em embellezamento, eis o que nos disse o joven clinico patricio:

E' bem importante — affirmou o Dr. Pires Rebello — o papel que a electricidade medica possue em esthetica. A electro-coagulação actua de um modo decisivo no tratamento de certas desgraciosidades, como sejam: signaes verrugas, etc. A questão da hypertrichose, isto é, pellos superfluos do rosto, tambem está completamente resolvida. Hoje em dia não se usa mais a electrolyse para exterminal-os. Lança-se mão da electro-coagulação, processo muito mais rapido, menos doloroso, e ainda com a grande vantagem de, quando bem applicado, não deixar a minima cicatriz.

Tambem são verdadeiramente notaveis — continuou o Dr. Pires Rebello — os resultados que se obtêm com o emprego da luz nos cuidados da formosura. Para ter-se uma idéa do que acabo de dizer, basta se ver a acção efficaz dos raios ultra-violetas em muitas questões de embellezamento. Poderei citar, por exemplo, nos casos de acnés (espinhas), quéda de cabellos, etc. Estando mui vulgarizado o uso dos raios ultra-violetas, é preciso que se tenha bastante attenção no seu emprego, principalmente nas perturbações de coloração da pelle, onde, então, mais do que em outra emergencia, se faz mistér a assistencia medica.

Em relação á obesidade, — disse-nos o Dr. Pires Rebello — trouxe os mais modernos methodos scientificos para a therapeutica desse mal e o mesmo quanto ás molestias do couro cabelludo, dotando a minha clinica de todos os recursos medicos empregados para o tratamento da caspa, seborrhéa, quéda de cabellos, calvicie, etc.

A parte cirurgica numa clinica de belleza—proseguiu o Dr. Pires Rebello —quasi que se restringe as operações para a correcção dos seios, rugas e narizes.

Lançarei mão em ultima hypothese, sómente, ao emprego do busturi, pois farei o possivel para acabar com o cirurgico, e entre elles usarei a electricidade medica ,cujos serviços prestados aos que se dedicam ás questões de plastica, são verdadeiramente dignos de admiração.

E' meu pensamento—terminou o Dr. Pires Rebello — diffundir a especialidade que abracei, o mais possivel. Para isso pretendo iniciar muito em breve cursos de propaganda para medicos e estudantes. Tambem darei aulas de massagens e outras noções de physiotherapia para moças que desejem ser massagistas, procurando por todos os meios que estiverem ao meu alcance, divulgar a esthetica no Brasil, o que naturalmente se realizará, pois para ambos os cursos já tenho recebido innumeras inscripções.

Nesta occasião o Dr. Pires Rebello teve de deixar-nos, para falar com diversos clientes que reclamavam sua presença.

Sala para extirpação, sem cicatriz, dos pellos superfluos do rosto, verrugas, signaes e outras desgraciosidades.

Para todos... em São Paulo

Collegio Baptista Brasileiro — Aula de gymnastica